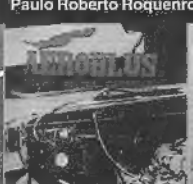
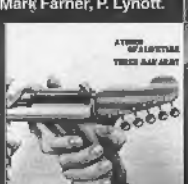
Número 02 - agosto/setembro de 2003

poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos

OS TRIOS DE ROCK O maior levantamento já feito na história!





Que Saudades dos Trios de Rock N' Roll

Baixo+Guitarra+Bateria – talvez a combinação mais perfeita do Universo. A maior prova de harmonia entre 3 pessoas. No Rock Progressivo, a combinação pode ser alterada para Baixo+Teclado+Bateria, sem com isso, perder a intensidade. Pela pequena quantidade de integrantes, o formato Power Trio, além de ter como principal característica uma muralha sonora como base, obriga também, a uma busca por sonoridades e nuances diversas.

O nascimento dos trios de Rock está completamente ligado ao nascimento do Rock Pesado. É o caso do Experience e do Cream. Não bastava só se concentrar no próprio instrumento, era preciso ao mesmo tempo, se sobressair mediante aos outros integrantes do grupo, e também criar uma "base" sólida e segura para o "vôo" do parceiro. Os opostos dentro do mesmo grupo era o que mais atraia o público. Exemplo maior dessa verdadeira "guerra", era o Cream, onde cada um parecia querer "engolir" o outro. Ao vivo, o trio levava essa característica ao limite, com todos solando alucinadamente, mas mesmo assim, ainda soando incrivelmente como uma banda única e compacta.

No mundo inteiro surgiram bandas de 3 integrantes, países como o Canadá se tornaram "escola" e produziam trios a rodo. Na América Latina (no Brasil nem tanto) também surgiam bandas apostando no ousado formato. Nos dias atuais, os trios andam meio sumidos.

Para essa edição, confesso que levantei uma lista com mais de 200 trios dos anos 60 e 70. Infelizmente, por questões óbvias de espaço, muitos trios ficaram de fora. Também é importante ressaltar, que abri espaço não só aos trios de Hard (os Power Trios), mas também aos que faziam Progressivo, Blues, e também trios formados por guitarristas fissurados num som mais pesado.

As surpresas não param por aí, dois novos colaboradores enriquecem ainda mais essa edição. Hector Borja, dando uma geral nos trios de sua terra natal (Argentina), e Rodrigo Piza, passando a limpo a carreira de César Camargo Mariano.

Para encerrar, é com muito prazer que realizamos nossa primeira capa totalmente colorida (o que justifica o pequeno ajuste no preço de capa), e para breve, esperamos poder ampliar o número de páginas.

É isso aí, mais uma vez muito obrigado a todos os leitores, anunciantes e entusiastas da boa música dos bons tempos...

Bento Araújo

Especial:

04 Os criadores do Rock Pesado - Cream e The Jimi Hendrix Experience
10 O maior levantamento de trios já feito na história
15 Los Trios Argentinos de los Años Setienta
20 Led Zeppelin e seu pacote monstro
19 Neil Young e 4 relançamentos históricos

Seções:

03 Have a Nice Day
18 Pérola Escondida
22 Música que vem do Brasil

Bento Araújo, 26 anos, é jornalista e fanático por música em geral.
Adora escrever, vasculhar sebos e lojas de discos e tocar contra baixo.

Editor, redação, arte, diagramação, Marketing publicitário e
Jornalista Responsável : Bento Araújo Mtb 38.344

Contato, anúncios e números atrasados: poeirazine@hotmail.com ou pelo (11) 9526-7947
Todas as matérias são de autoria do editor exceto as indicadas.

Colaboraram nessa edição: Hector Borja e Rodrigo Piza
Revisão gramatical: Patrícia Grillo
Capa: Bento Araújo e Carol Penna
Tratamento dos logos publicitários: Carol Penna

Agradecimentos: Carmen (mamy rock n' roll, meu exemplo de alma), Carol (pela força e coragem), Tó, família, Padre Bento, todos os meus amigos aqui da Terra e do Universo, José (pelo aprendizado), Júlia, Ray, Rogério, André Carcaça, Víctor Page (Kossoff is the Best), Sérgio Martins, Paulo Cavalcanti, Kid Vinil, Vitão Bonesso, Ed Motta, Fabian Chacur, Jeferson Araújo Pereira, Luis Calanca, Diaz, João Pacheco, Daniel Atibaia, Hector Borja, Rodrigo Piza, Patrícia Grillo, Cadinho e Tomada, Sérgio E. Alpendre, Hélton, Nivaldo, Fábio Golfetti, Nélson, Normando (nº1 do blues), Magrão e Moacir, Bonfim, Geraldo, Carlinhos Apfel, Fernando Jóia, George, João Paulo Andrade, Socram, Rubens Leme da Costa, Luiz Barata, Anastácio, Vladimir, Carlinhos Vinil 7, Wilson e Zé, Márcio, Wilton, João Flowers, Fausto e André, Ernando, Mané e Jorge, Amadeu, Marcelo Watanabe, Resende, Paulo Thomaz, Pamela e a Baranga, Fábio Araújo (Goiânia), Júnior e a Patrulha toda, Daniel Vaughan, Paulo Roberto Roquenrou, Marinho (Lavras MG), Dr. Rock, Morcegão, Marco FN, Noel Redding, Fernando PL, Alcides, Mark Farner, P. Lynott.

have a nice day

São bandas que tiveram um ou dois hits no máximo, porém, são hits imortais, que até hoje, emocionam não só quem viveu a época.

Jo Jo Gunne

Run Run Run - maio de 1972

O Jo Jo Gunne era uma dissidência do Spirit, pois foi formado pelo tecladista e vocalista Jay Ferguson e pelo baixista Mark Andes em Los Angeles no ano de 1971, logo após a debandada de ambos do grupo de Randy California. Para completar a formação, a dupla convocou o irmão de Mark, Matt Andes para a guitarra e Curley Smith para a bateria. Com essa formação assinam rapidamente com a Asylum Record's e lançam sua estréia em 1972, com um disco chamado simplesmente Jo Jo Gunne. A faixa arrasa-quarteirão que abria o disco era justamente "Run Run Run", um furioso Boogie com slide-guitar e uma pegada contagiante. Essa sonzeira virou hit no mundo inteiro, até aqui no Brasil, o que impulsionou o lançamento desse disco por essas terras numa luxuosa capa dupla, e com um belo selo da própria Asylum Record's (distribuída aqui no Brasil pela Odeon da época).

Mark acabou deixando o grupo e foi tocar com o Freefall e depois com o Heart. Em seu lugar entrou Jimmy Randall que gravou mais três discos com a banda. Sem conseguir repetir o sucesso obtido em 1972, Ferguson acaba com tudo três anos depois, em 1975, se lançando numa tímida carreira solo. Boa notícia: os discos da banda estão finalmente disponíveis em formato digital. Na verdade eles já estavam disponíveis há algum tempo como uma edição limitada no site "Handmade", da Rhino, em formato 2 em 1, ou seja, dois LP's reunidos em um único CD. Agora estão disponíveis no catálogo da série Collector's Music (também da Rhino) de forma separada, mas por um preço inferior e uma maior facilidade em serem adquiridos.

Onde achar: Jo Jo Gunne (Collector's Choice USA)

Ozark Mountain Daredevils

Jackie Blue - maio de 1975

Ilustres desconhecidos por aqui, esse grupo foi um dos mais populares expoentes do country-rock na América dos anos 70. Esse sexteto do Missouri não conseguiu obter nem um terço do prestigio de bandas como o Allman Brothers, Eagles e o Poco. Também não se tornaram "cult heroes" como o Lynyrd Skynyrd ou o Marshall Tucker Band. O Ozark tinha dois afiadíssimos guitarristas - John Dillon e Steve Cash - mais o baixista Michael Granda, o tecladista Buddy Brayfield, Larry Lee que tocava bateria, guitarra e também cantava, e o frontaman Randle Chowning cuidandô dos vocais principais, guitarras e gaita.

O maior hit deles em sua terra natal foi "Jackie Blue" que aportou nas paradas em 1975. "Jackie" era mais voltada para o Pop do que para o country-rock tradicional da banda. O maravilhoso trabalho de guitarras e a estilosa linha vocal impressionam logo de cara.

No Brasil, graças a uma propaganda do Jeans Staroup, o OMD emplacou "You Made It Right", que chegou até a sair em compacto por aqui, lá pelos idos de 1979. Ambas estão no segundo disco do grupo, "It'll Shine When it Shines". A maioria das coletâneas da banda, não inclui "You Made It Right", pois o tema foi sucesso somente aqui no Brasil.

Onde achar: Time Warp - The Very Best Of (Polygram USA)

Ace

How Long - maio de 1975

O Ace foi formado na Inglaterra em 1972 por Paul Carrack (T/V), Phil Harris (G), Alan "Bam" King (G/V), Terry Comer (Bx) e Steve Witherington (Bt). O grupo começou fazendo nome no circuito do Pub Rock inglês, até que num belo dia assinaram com a Anchor Record's e gravaram o disco (Five-A-Side). Desse álbum de estréia foi extraído o compacto de "How Long" que estourou nos dois lados do Atlântico. Carrack escreveu a canção para o baixista Terry Comer que havia deixado temporariamente o Ace para tocar com o Sutherland Brothers; mal sabia ele que sua canção se tornaria um hino aos "corações despedaçados". Infelizmente o sucesso do Ace parou por aí. Seus antigos fãs da época dos pubs não aceitavam mais a banda, How Long era demasiadamente açucarada para seus ouvidos. Em 1976, o Ace foi convocado para abrir alguns shows do Yes, o que não foi uma boa idéia, pois os radicais fãs do Yes simplesmente ignoravam a performance do Ace. Ainda naquele ano a banda se muda para os EUA com a certeza de que lá sua música seria melhor recebida, o que não acontece e tudo acaba em 1977. Carrack, Comer e Byrne se juntam a Frankie Miller com quem ficam até 1979, quando Carrack parte para o Roxy Music, onde atua como músico convidado. Paralelo a sua carreira solo, Carrack ainda participava em discos do Squeeze, de Nick Lowe e até do Mike and the Mechanics.

Onde achar: Have a Nice Day Vol.14

Crabby Appleton

Go Back - julho de 1970

Esse grupo norte-americano era especialista em Pop bem trabalhado. No álbum de estréia, chamado simplesmente "Crabby Appleton", de 1970, a sonoridade da banda vinha recheada de arranjos vocais precisos, belas harmonias de guitarra, e uma peculiaridade para esse estilo power-pop – pesadas e altas doses de percussão. Tudo isso graças a Flaco Falcon, o percussionista da banda. Além dele, o Crabby Appleton era formado também por Michael Fennely (G), Casey Foutz (T), Hank Harvey (Bx) e Phil Jones (Bt).

"Go Back" estava nesse disco de estréia e foi o único hit deles, chegando até a emplacar nas rádios AM da América. O compacto permaneceu por mais de 14 semanas entre os mais vendidos na parada da Billboard. Uma curiosidade é que como eles eram contratados pelo selo Elektra, quem produziu essa estréia do grupo em vinil foi Don Gallucci, que também produziu naquele mesmo ano o disco "Funhouse" dos Stooges de Iggy Pop. Em 1971 lançaram "Rotten to the Core", que trazia um som mais pesado, com influências de Led Zeppelin. Essa mudança não agradou aos fãs do grupo e a banda encerrou suas atividades em 1973. Nesse mesmo ano, o líder Michael Fennely vai para a Inglaterra e lança dois discos solo, sendo que o primeiro (Lane Changer de 1974) foi produzido pelo ex-baixista dos Zombies, Chris White. Outro ex-integrante dos Zombies marcava presença no disco tocando sintetizadores – ninguém menos senão Rod Argent. O primeiro disco do Crabby Appeton, chegou a sair por aqui em LP pelo selo Epic/CBS ainda em 1970. Agora a boa notícia é que os dois discos da banda saíram em CD no ano passado pela série Collector's Choice.

Onde achar: Crabby Appleton (Collector's Choice USA)

os criadores do Rock Pesado

CREAM EXPERIENCE

O Big Bang do Rock

Mais exatamente no final do ano de 1965, ainda em seus dias com os Bluesbreakers de John Mayall, um jovem Eric Clapton chegou a comentar com Jack Bruce (baixista dos Bluesbreakers na época), que estava interessado em formar uma nova banda a partir de alguns desejos pessoais seus. Na cabeça de Clapton essa nova banda deveria conter apenas três integrantes, que manteriam como base a tradição do Blues Norte-Americano. Deveriam ainda, acrescentar o experimentalismo, o virtuosismo e a liberdade do Jazz, junto com tudo o que andava rolando naquela época em termos de sonoridade, ou seja, a Psicodelia que estava prestes a explodir na Inglaterra. O que o Guitar Hero do Blues Britânico não sabia, é que com essa simples idéia ele estaria mudando o rumo do mundo da música para sempre...

Como não poderia ser diferente, o baterista Ginger Baker também veio tocar com o grupo de John Mayall, e acabou se tornando amigo de Clapton. Com o florescimento dessa nova amizade, o tão sonhado projeto de Clapton se torna realidade – ambos recrutam Bruce para o baixo (que na altura estava tocando com o Manfred Mann) e estava formada a banda que criaria o Rock Pesado. Na verdade, o Cream já nasceu como um super-grupo – todos os seus integrantes vinham de bandas famosas como os próprios Bluesbreakers de John Mayall, o Graham Bond Organization e outros.

O ano de 1966 foi talvez o mais importante ano para o Rock. Bandas antes vistas como inocentes e limitadas, passavam a agregar novas sonoridades e buscar excitantes caminhos, embalados a muito LSD é lógico. Nesse ano, saíram coisas como *Revolver*, *Pet Sounds* e *Freak Out*. Ao mesmo tempo em que "experientes" bandas renasciam para uma nova época, outras centenas de novos grupos surgiam, sempre ousando, criando e influênciando os jovens daqueles tempos. Inovação e experimentalismo eram as ordens da época.

Em junho desse mesmo ano, um jovem guitarrista americano estava cansado de ser coadjuvante para gente como os Isley Brothers, Little Richard e Ike and Tina Turner - e resolveu formar um novo grupo - os Rainflowers, que logo mudou de nome para Jimmy James and the Blue Flames. Nesse grupo, o jovem músico tocou com guitarristas que também ficariam famosos como Randy Califórnia (Spirit) e Jeff "Skunk" Baxter (Steely Dan, Doobie Brothers etc.), mas é óbvio que o destaque era o próprio "Jimmy James", com seu estilo totalmente inovador.

A banda tocava em diversos clubes noturnos de Manhatan e numa bela noite, uma garota chamada Linda Keith assistia embasbacada a arrasadora performance de Jimmy James e dos Blue Flames.

Linda era namorada de Keith Richards dos Stones, e depois do show insistiu muito para que Andrew Oldham – o empresário dos Stones de então – fosse lá conferir a performance daquele jovem guitarrista negro, canhoto e cheio de energia. Andrew não se impressionou com o que viu. Linda não ligou para a opinião de Andrew e resolveu chamar Chas Chandler, outro amigo seu, para conferir o show de Jimmy James. Esse amigo de Linda tocava baixo nos Animals e viria especialmente de Londres para conferir o show que Linda tanto promovia em Nova Iorque.

Por falar em Londres, nas redondezas da cidade, mais especificamente numa quadra de basquete, o recém formado Cream ensaiava horas à fio. Eles não queriam muito; queriam apenas ser a melhor e mais bem sucedida banda do Universo! Para tanto, era preciso criar um repertório acachapante e demonstrar, acima de qualquer outra coisa, que os três eram exímios instrumentistas. O nome já era modesto: "CREAM" – se auto-julgavam o "creme do Rock". Sem mesmo ter um compacto ou algum show realizado, o trio aparece na capa do semanário inglês Melody Maker, debaixo da manchete: "Estejam preparados para o Cream!".

Cream - "caretas" no começo, depois veio a fase doidona. Felix Pappalardi, Jimi Hendrix com Leslie West, Pete Brown, e um cartaz publicitário dos anos 60.

A estréia nos palcos ingleses se dá logo depois, com uma arrasadora performance no festival de Windsor. O show serviu para colocar a banda na boca do povo, e um compacto de estréia era absurdamente aguardado.

A ansiedade chega ao fim no mês de outubro, quando é lançado "Wrapping Paper/Cat's Squirrel", o primeiro e aguardadíssimo compacto de estréia do trio inglês. "Wrapping" era leve e melódica demais para os fãs que haviam visto os concertos do grupo, e que lógicamente esperavam uma "quebradeira só" logo de cara.

Curiosamente, ainda nesse mês de outubro, aportava em Londres Chas Chandler, vindo de Nova Iorque. A surpresa maior é que com ele estava Jimmy James, agora atendendo simplesmente pelo nome Jimi Hendrix. Chas convoca dois jovens músico ingleses para acompanhar Hendrix - Noel Redding e Mitch Mitchell (em seu lugar quase foi convocado Aynsley Dunbar) – no baixo e bateria, respectivamente. Estava formado o trio The Jimi Hendrix Experience, que lançou quase simultaneamente com o Cream, seu primeiro compacto – "Hey Joe".

O que chega a ser engraçado é a disparidade em termos de planejamento e formação de ambos os trios. O Cream foi cuidadosamente criado e projetado para dar certo e render rios de dinheiro, como o próprio Clapton relembra: "Nós (o Cream) queremos fazer dinheiro. Tenho trabalhado já há muito tempo por muito pouco e achei que já era hora de fazer algo a respeito para mudar isso". Ninguém põe em questão a habilidade técnica e a inventividade do trio, mas "empresariamente" falando, o Cream foi uma "armação" assim como os Monkees, os Herman's Hermits, os Sex Pistols, o Menudo, o KLB etc. etc.

Calma... foi só uma brincadeira, e antes que você xingue toda a minha árvore genealógica, se todas as armações do mundo musical soassem igual ao Cream, não teríamos música ruim nesse planeta...

Por outro lado, o Experience foi formado por uma sucessão de acontecimentos inusitados. Apesar de todo o talento de Jimi e do aguçado faro comercial de Chandler, até a estréia do grupo em um show na França, ninguém sabia realmente ao certo o que iria acontecer.

Em dezembro é lançado "Fresh Cream", a estréia do maior Power Trio inglês de todos os tempos. Ao contrário do primeiro single, agora eles eram sucesso absoluto de crítica e de público e o disco já colocava a banda como uma das maiores atrações do show business britânico. Eram endeusados por adolescentes do país inteiro. A fórmula havia dado certo.

Ao vivo, o Cream ia se aperfeiçoando cada vez mais – longas Jams instrumentais eram adicionadas ao repertório. A habilidade de cada integrante era absurda, e assim, nasciam três "monstros sagrados" do Rock Pesado. Com a cozinha de berço Jazzista de Bruce e Baker, e a guitarra blueseira de Clapton, o som do Cream rompia com todos os padrões estabelecidos até então – uma excitante e fresca sonoridade surgia, deflagrando a força, a intensidade e o poder que só um Power Trio pode oferecer.

A Troca de Pátrias

Enquanto Jimi Hendrix vinha para Londres para estourar e deixar os ingleses "chapados" de emoção, o Cream partia para a sua primeira tour Norte-Americana. Entre os seus planos, a gravação de um elepê novo pelas terras tanques. Ambas as bandas buscavam também novos equipamentos e inspirações, como Hendrix declarou na época: "Vim para a Inglaterra, peguei dois dos melhores músicos daqui, peguei também o melhor dos equipamentos e tudo que tenho feito é criar, criar e criar música, nossa própria sonoridade".

1967 - O auge da Psicodelia e da Revolução Sonora

Se uma só palavra fosse suficiente para definir o ano de 1967 na trajetória do Rock, essa palavra seria inovação. Todos queriam inovar, e os anseios pelo "desconhecido" eram o que moviam os músicos da época. Novos efeitos de estúdio, novos instrumentos, novos pedais e lógico, novas drogas também. A viagem estava apenas começando...

Em maio, Hendrix solta na Inglaterra sua estréia em vinil, "Are You Experienced?" que só sairia em agosto na América. Era como se uma bomba atômica tivesse atingido o Picaddily Circus e toda a "Swingin' London" - a terra da Rainha comia, respirava, dormia e acordava Jimi Hendrix.

Nenhum guitarrista, (nem os Marcianos), sonhavam sequer um dia ouvir sons como aqueles vindo do instrumento. Hendrix rompeu todas as regras e barreiras, simplesmente recriou a guitarra elétrica, criou inúmeras novas possibilidades técnicas, além de mostrar que também era um exímio compositor. Sua postura era livre e desimpedida de qualquer tipo de repressão, sua voz pequena se tornava gigantesca no contexto geral de criação e execução dos temas, ela fluía junto com seus fraseados e feedbacks distorcidos. Seus timbres eram o céu e o inferno ao mesmo tempo – poderiam faze-lo alcançar um Nirvana espiritual, ou transportar-lo para o caos total. Esse foi Hendrix, um dos grandes gênios da nossa história, mas voltando ao ano de 1967, mais precisamente no primeiro dia do mês de junho, os Beatles lançavam "Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band", e o mundo amanhecia mais colorido e confuso do que nunca – assim como uma viagem de LSD. Dois dias depois, Hendrix abria seu show com uma versão para Sgt. Peppers e ainda dedicava a canção para Paul McCartney, que estava dentre os presentes. Ainda naquele histórico mês, o Experience faz sua primeira apresentação em solo Americano, no lendário Festival Pop de Monterey. Hendrix taca fogo em sua Stratocaster e abala toda a América, que a partir daquele ato primal e instintivo, era conquistada. A importância desse episódio na história do Rock N' Roll, pode ser comparada à descoberta do fogo ou da roda, mediante a história humana.

RELICS DISCOS
CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados
Enviamos pelo correio para todo o Brasil
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000 - Fone/Fax: 223-1602

VOICEPRINT
o melhor da Inglaterra na sua loja!
Todos os meses, lançamentos imperdíveis!
www.voiceprint.com.br tel / fax: (11) 5533 5908

"A formação de trio requer muito dos músicos que dela participam. Como um baterista desse tipo de banda, eu precisava fazer o máximo que pudesse para preencher todas as lacunas do som, mantendo o ritmo todo o tempo, e traduzir, da melhor forma e com coesão, as idéias que tínhamos."

Ginger Baker

Durante a tour americana do Cream, nossos três heróis ficaram espantados com o que estava rolando na América, mais precisamente em São Francisco. Era o auge do movimento hippie, e isso acabou mexendo com a cabeça dos rapazes. Nos estúdios da Atlantic em Nova Iorque, gravam "Disraeli Gears", já totalmente psicodélico, com Clapton entorpecendo sua guitarra com Wah-Wahs, e seu cérebro com LSD. Suas roupas agora eram todas coloridas e exuberantes, assim como sua Gibson SG, e até seu cabelo passava a ser "afro" como o do canhoto guitarrista americano. Apesar da rivalidade sugerida pela crítica da época entre o Experience e o Cream, Clapton inspirava Hendrix e Hendrix inspirava Clapton. Já que o papo é inspiração, um espantado Buddy Guy chegou a declarar sobre o Cream: "Quando eles vieram tocar no Fillmore East, eu tive a oportunidade de me juntar a eles numa Jam. Minha nossa, que banda! Eu sabia a partir daquele momento, que tinha muito que aprender ao vê-los tocar. Independente do que Clapton fala de mim, ainda acho que o Cream é o melhor trio que já existiu".

A época em que Deus "desceu" na Terra!

Com o surgimento do novo Deus das 6 cordas, Clapton passou a se vestir e se portar de forma diferente. Basta checar a sonoridade mais voltada para o Blues tradicional e para o Pop, além do visual "careta" do Cream à época de seu disco de estréia (Fresh Cream – 1966), quando Hendrix ainda não havia aportado na Inglaterra.

Por outro lado, Hendrix literalmente "pagava pau" para o Cream e para Clapton. Sempre dava declarações enchendo a bola do grupo, assim como sempre assumia uma grande influência gerada por Clapton – ponto máximo disso foi a homenagem que o Experience prestou na TV inglesa, onde tocaram de surpresa "Sunshine Of Your Love" do Cream.

Na volta para a Inglaterra, um enfurecido Clapton dava declarações inflamadas sobre a Hendrixmania: "Eu estava muito puto com aquilo tudo! Tínhamos ido para a América e gravamos o Disraeli Gears por lá. Quando voltamos para entregar o disco, ninguém deu bola para nós. No país inteiro só se falava de Are You Experienced. Eu ia a algum clube e todos me perguntavam: você já ouviu Are You Experienced? Eu realmente fiquei muito furioso com aquilo tudo!"

O que prejudicou um pouco o Cream foi o fato de Disraeli só ter sido lançado em novembro (as gravações foram feitas no mês de maio). A gravadora segurou ao máximo o álbum, pois não botavam fé no novo repertório lisérgico da banda. Mais uma prova de como a alienação e a "cegueira" de certos tapados engravatados podem atrapalhar uma promissora carreira de um grupo novo.

Menos de um mês depois, o Experience solta também o seu segundo álbum – "Axis: Bols As Love", mostrando que o astral estava ótimo para o lado do Experience, ao contrário do Cream, onde as coisas já começavam a ficar um pouco "tensas" em se tratando de relacionamentos internos dos integrantes; ao vivo eles estavam simplesmente debulhando – e em alguns shows, as jams ultrapassavam os quarenta minutos de duração! Isso só prova que o Cream mudou definitivamente o mundo do Rock. Suas apresentações, eram autênticas celebrações ao improviso e ao virtuosismo, como declarou Jack Bruce: "No Cream, qualquer instrumento podia ser o líder no palco. A liberdade era incrível". A partir de então, todo mundo queria "soar" como o Cream. Passou a ser "moda" montar trios e super-grupos. Em qualquer concerto de Rock passava a ser obrigatório ter um solo de bateria, um de guitarra e um de baixo.

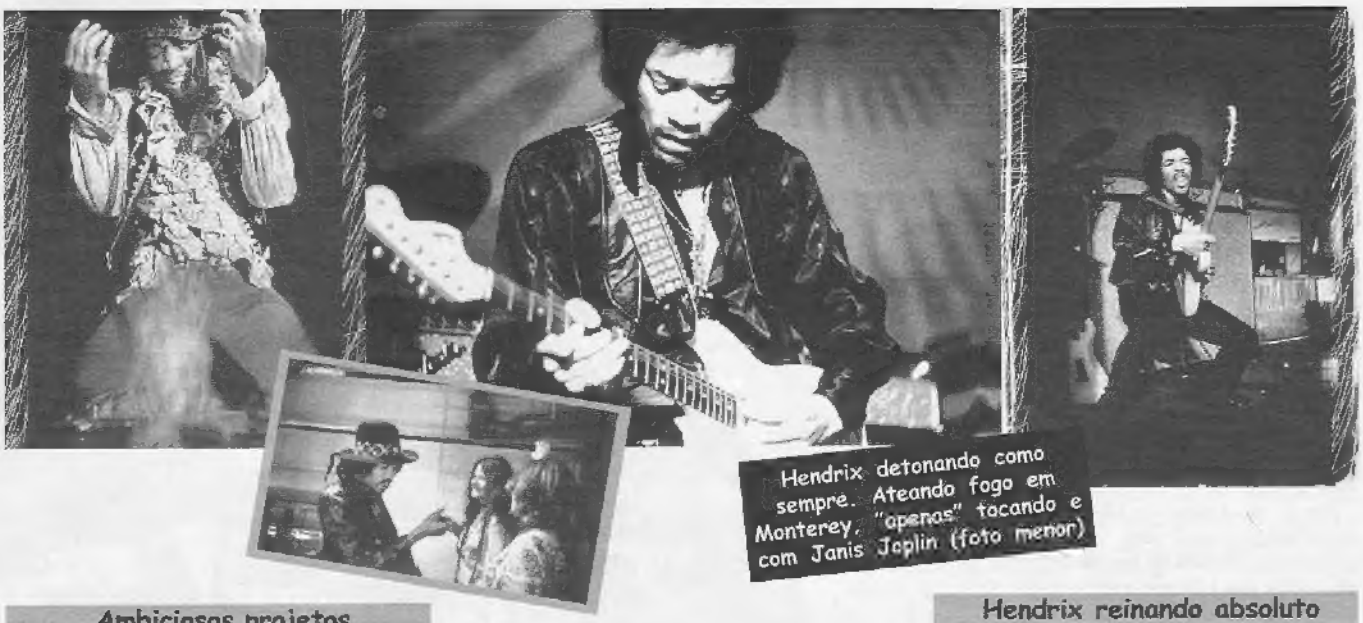
"Hendrix e nós haviamos criado uma verdadeira legião de seguidores, que além de curtirem Rock N' Roll alto e pesado, também eram loucos por Blues e ousadas passagens instrumentais"

Jack Bruce

No começo de 1968, tanto o Cream como o Experience trabalhavam em seus projetos mais ambiciosos até então – os álbuns duplos "Wheels of Fire" e "Electric Ladyland", respectivamente.

Os trios chegavam ao seu auge. Para "Wheels" o Cream se trancou no estúdio com o produtor Felix Pappalardi, mais um arsenal de instrumentos e equipamentos sonoros, como órgãos, metais, harpas, sinos etc. Já que o projeto era um disco de estúdio e outro ao vivo, o de estúdio tinha que compensar a força e a crueza da porção "live" do disco - quanto mais sofisticadas as idéias, melhor era. Para Hendrix, algo semelhante estava rolando. Ele passava dias inteiros dentro do estúdio, pesquisando,estudando e fazendo Jams com amigos, tais quais Steve Winwood e Chris Wood do Traffic, Jack Cassady do Jefferson Airplane entre outros. "Electric Ladyland" trazia todas essas participações, mais inovações sonoras a dar com pau.

Basta checar a faixa "1983...A Merman I Should Turn to Be" para confirmar o quanto Jimi estava à frente de seu tempo.



Hendrix detonando como sempre. Ateando fogo em Monterey, "apenas" tocando e com Janis Joplin (foto menor)

Ambiciosos projetos

Relembrando a carreira desses dois trios, podemos perceber inúmeras coincidências, algumas até acontecidas simultaneamente – como a "implosão" de ambos ainda em 1968. No mês de outubro o Cream anuncia sua famosa "Farewell Tour", ou seja, sua turnê de despedida, que culminaria com o "concerto do adeus" no Royal Albert Hall de Londres. Era época de muita briga, bate boca e quebra pau de verdade. No Experience, as coisas não eram muito diferentes – muita discussão principalmente entre Hendrix e Noel Redding. O clima ia pesando cada vez mais, e eles ainda conseguiram segurar a onda até junho de 1969, quando Redding foi substituído por Billy Cox, antigo comparsa de Hendrix dos tempos de exército.

Também em 1969, ainda sai a despedida definitiva do Cream – "Goodbye Cream" – com algumas sobras de estúdio e faixas gravadas ao vivo. Funcionou como um presente para os fãs, afinal de contas, a banda encerrava suas atividades em pleno auge artístico, criativo e também monetário. O Cream deixava para o mundo seu mais ilustre "filho" – um estilo que seria adotado por milhares de jovens nas décadas seguintes, como o próprio Clapton declarou: "Sem querer, fomos o primeiro grupo a fazer Heavy Metal. Quando terminamos, o Led Zeppelin preencheu o vazio, e se tornou a primeira banda do Heavy Metal, mas talvez o Cream, tenha sido o precursor dessa coisa toda".

Hendrix reinando absoluto

Com o fim do Cream, o Experience podia dominar o mundo sozinho. Já não haviam mais concorrentes do mesmo nível. Talvez por uma ironia do destino, esse reinado durou pouco, pois Hendrix resolve acabar com o Experience e formar o Gypsy Sun and Rainbows com Mitchell e Cox, além de um segundo guitarrista, Larry Lee, e dois percussionistas – Juma Sultan e Jerry Velez. Agora como um sexteto, o grupo se apresenta no festival de Woodstock, no dia 18 de agosto de 1969.

Mitch Mitchell abandona tudo e volta para Londres, enquanto que Buddy Miles é convocado para substituí-lo. Hendrix na verdade ficou muito desapontado com a sonoridade do "Gypsy Sun...". Ele havia "ampliado" sua banda para seis integrantes e as novas "possibilidades sonoras" tão buscadas pelo guitarrista simplesmente não ocorreram. Hendrix sentiu que com apenas três integrantes, o som "fluía" mais facilmente, além de ter mais a ver com seu estilo de tocar guitarra. Voltando ao formato trio, agora eles são a the Band of Gypsys.

Bill Graham convence os garotos a tocar em sua famosa casa de show – o Fillmore East em Nova Iorque. Nove meses antes, o Experience tinha lotado por noites consecutivas o Madison Square Garden. Hendrix simpatizou com a idéia de estrear com a Band of Gypsys no Fillmore, um local menor, mais aconchegante e mais apropriado para sua nova sonoridade, agora repleta de grooves e funks arrebatadores.

www.nuvemnove.com.br

nuvem nove

CD's - LP's - DVD's

Compra - Venda - Troca

Hard Rock - Progressivo - Metal - Psicodélico - Anos 50 e 60

Fone: 3078-7051

Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi - São Paulo - SP

MEDUSA RECORDS

CD's - DVD's - LP's - BOOKS

PSICODÉLICO - HARD ROCK PROGRESSIVO

Raridades do Séc. XX

Atendemos via correio para todo o Brasil

Fone/Fax: (11) 223-9845

Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar - Loja 279
Cep:01041-000 - São Paulo - SP

A Banda de Ciganos

A Band of Gypsys fez quatro shows no Fillmore, na passagem do ano de 1969 para 1970 – dois no dia 31 de dezembro e mais dois no dia 01 de janeiro. Tais shows resultaram no disco "Band of Gypsys" lançado em abril de 1970. O disco foi um sucesso na América, principalmente porque Hendrix agora também chamava atenção dos negros, que antes o achavam "roqueiro demais", além de agora se identificarem mais com o trio composto por negros. O disco vendeu horrores, e é até hoje, o segundo disco mais vendido do guitarrista (só perdendo para "Are You Experienced?").

Apesar do sucesso, Hendrix acaba com a Band of Gypsys e forma a the Cry of Love Band, com Cox no baixo e Mitch Mitchell de volta na bateria. Com essa formação entram em estúdio para começarem a criar o novo álbum, que na mente de Hendrix seria duplo e se chamaria "The First Rays of the New Rising Sun".

Em 01 de agosto de 1970, Hendrix faz seu último show na América e parte para a Inglaterra, onde se apresenta no lendário festival da Ilha de Wight. É bom lembrar que ele tocou nos três maiores festivais da nossa época – Monterey, Woodstock e Ilha de Wight – isso sem contar outros que não ficaram tão famosos como o Atlanta Pop Festival, o Denver Pop Festival, o Miami Pop Festival, o Fehman Festival na Alemanha, e muitos outros.

No dia 02 de setembro, Jimi se apresenta em Aarhus na Dinamarca, e depois de três músicas ele desmaia e abandona o concerto. O motivo era que o guitarrista havia tomado uma grande quantidade de pílulas para dormir, bem antes de subir no palco. Tragicamente a morte já rondava o guitarrista, que veio a falecer exatos 16 dias após esse show, vítima de um sufocamento causado pelo seu próprio vômito. Jimi havia tomado um grande quantidade de barbitúricos antes de dormir e acabou tendo uma overdose enquanto dormia.

Com esse trágico episódio, parecia que estava encerrado de vez o tradicional formato trio como meio para se fazer Rock Pesado. Com a morte de Hendrix e o fim do Cream, o formato não morreu, pelo contrário, foi tomando cada vez mais força e se tornou uma verdadeira mania nos anos 70, onde, no mundo inteiro, nasciam bandas com três integrantes.

Discografia Recomendada

Fresh Cream (1966) ****

Estréia do mais importante trio inglês de todos os tempos. Composições próprias enfileiradas com Standarts do Blues dão um gás todo especial ao disco. *I Feel Free* virou hino no mundo inteiro; Spoonful era blues em estado bruto e I'm So Glad tinha a cara da banda. O final é impressionante, com Toad e o extraordinário solo de Ginger Baker.

Disraeli Gears (1967) *****

Retrato não só da banda, mas também de toda uma cena psicodélica que tomava o planeta. Saca só o repertório: Sunshine Of Your Love; Strange Brew; Tales of Brave Ulysses; Swlabr e We're Going Wrong, tudo no mesmo disco, é de chorar! Um dos mais importantes registros da história do Rock.

Whells Of Fire (1968) *****

Genial álbum duplo, contendo um disco de estúdio com gravações inéditas; e o segundo gravado ao vivo. Na parte de estúdio, só clássicos do naipe de White Room, Sitting on Top of The World, Politician e Born Under a Bad Sign. Ao vivo, só a releitura para Crossroads de Robert Johnson já vale o investimento.

Are you Experienced ? (1967) *****

Você já experimentou ouvir esse disco? O gosto ainda é o mesmo de 36 anos atrás! Inovação, criação e genialidade ao extremo. O disco que mudou pra sempre a sonoridade guitarrística mundial. Purple Haze, Hey Joe, Fire, Foxy Lady, Third Stone From the Sun, e a própria faixa título, nada mal para uma simples estréia não?

Axis Bold As Love (1968) *****

O segundo disco da meteórica carreira do Experince, surpreende também pelo fato do trio conseguir não só manter o nível de sua estréia, mas de ir além disso. Basta uma ouvida em maravilhas como Little Wing; Castles Made of Sand e Bold As Love. Além de toda essa espantosa musicalidade demonstrada, ainda tem Spanish Castle Magic e a ousada viagem If 6 Was 9.

Electric Ladyland (1968) *****

A obra mais grandiosa de Hendrix. Esse disco duplo (em LP) saiu exatamente conforme andava a cabeça do guitarrista na época, ou seja, muita liberdade, improvisação e um senso harmônico fora do comum. Perfeição em coisas como 1983 A Merman I Should Turn to Be, Voodoo Child, Crosstown Traffic e All long the Watchtower.

Capa da Rolling Stone de setembro de 1970.

Goodbye (1969) ***1/2

Despedida oficial do trio, Goodbye continha 4 faixas de estúdio (na maioria sobras de Wheels of Fire) e 3 gravações ao vivo realizadas no em 19/10/68 no Forum de Los Angeles. O carro-chefe do disco foi a canção "Badge", o derradeiro hit da banda, que foi composta por Clapton e George Harrison.

Band of Gypsys (1970) ****

Hendrix e seu então novo trio, mostrava agora todo o seu suingue e groove ao vivo no Fillmore de Nova Iorque. Formado com três negros cheios de garra e balanço, a Band of Gypsys fez aumentar cada vez mais o público do guitarrista, que mais uma vez brilha em coisas como Machine Gun e Power to Love. Buddy Miles "soca" impiedosamente seu kit, enquanto divide os vocais com Hendrix, Billy Cox, por sua vez, "leva" a banda com linhas de baixo certeiras, como em Who Knows.

Live Cream (1970) ***

Se você não curte longas Jam's e improviso não é o seu negócio, fuja desse álbum. Registro de duelos e batalhas que Jack Bruce, Ginger Baker e Eric Clapton travavam em cima do palco. A impressão que se tem, é que eles não estavam nem aí para o público, sempre extendendo e modificando a estrutura dos temas originais.

First Rays of the New Rising Sun (1997) *****

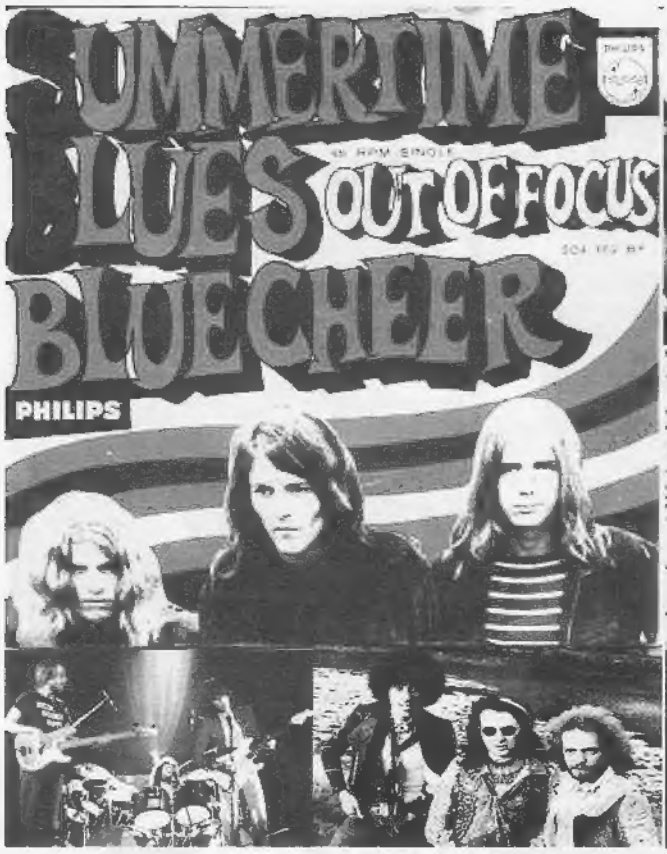
Lançado somente em 1997, esse pode ser considerado o disco que Hendrix lançaria se não tivesse morrido em 1970. Conta com músicas gravadas pelo Band of Gypsys e pela Cry of Love Band, e reúne também coisas que antes vinham saindo somente em compilações póstumas do guitarrista, como Freedom, Angel, Izabella, Ezy Rider, Dolly Dagger e Hey Baby (New Rising Sun).

Live Cream II (1972) ****

Se no volume anterior, as longas improvisações dominavam, nesse aqui o repertório é mais conciso e direto, trazendo faixas mais conhecidas do grande público, como "Sunshine of your Love", "White Room" e "Tales of Brave Ulysses". No final, os improvisos voltam a rolar solto em "Steppin' Out", com seus quase 14 minutos de duração.

South Saturn Delta (1997)***1/2

Lançado na mesma época de First Rays..., esse também é uma colcha de retalhos bem interessantes. Mistura diversas fases da carreira do guitarrista, dando ênfase ao período de criação das músicas, como é o caso de Little Wing (instrumental só com guitarra e bateria) e (Sweet Angel) Angel que comparecem em versões cruas e ainda não lapidadas. Só Pali Gap já paga o disco.



No sentido horário: Blue Cheer, Trapeze, James Gang, Mahogany Rush, Thin Lizzy e BBA.

HARD

Literalmente, o Hard é o gênero "onde o bicho mais pega" em termos de Power Trios. Nada como um vigoroso Hardão tocado por um trio competente.

No Hard, existem centenas de bandas com essas características, como o Blue Cheer, que vinha da ensolarada São Francisco (a "meca" da Psicodelia Norte-Americana). A banda era formada por Dickie Peterson (Bx, V), Leigh Stephens (G) e o monstruoso Paul Whaley (Bt). O disco de estréia do grupo, Vincebus Eruptum, lançado nos primeiros dias do ano de 1968, foi um verdadeiro divisor de águas no Rock. Tudo graças a uma pesadíssima versão para "Summertime Blues" de Eddie Cochram. A partir do terceiro álbum, o Blue Cheer se torna um quarteto com a inclusão de um tecladista chamado Ralph Burns Kellogg, e foi perdendo a potência peculiar de antes. Depois de fracassadas "voltas" no decorrer dos anos, a banda encerrou as atividades depois da morte do batera Paul Whaley, vítima de um fulminante ataque cardíaco em 1995.

O Dust é um dos mais idolatrados Power Trios dos anos 70. E não é pra menos, o grupo realmente mostrava muita propriedade e competência nos seus dois registros de estúdio – "Dust" e "Hard Attack" de 1971 e 1972 respectivamente. Richie Wise (G,V), Kenny Aaronson (Bx) e Marc Bell (Bt) tinham uma sonoridade diferente dos demais trios da época. Isso pode ser sentido no segundo disco do trio, que mostrava uma evolução perante o anterior – arranjos mais elaborados, solos caprichados, e uma performance inacreditável de baixo/bateria – mostrando que a cozinha do Dust era de se invejar. Marc virou punk e foi tocar com Richard Hell nos seus Voidoids, e mais tarde se tornou batera dos Ramones mudando seu nome para Marky Ramone. Alguns fãs do Dust se inflamam ao dizer que Marc "desaprendeu" a tocar bateria, pois no Ramones ele não demonstra nem um terço de sua "sabedoria rítmica".

Obra prima do Hard Rock Setentista é o disco "Medusa" do Trapeze, lançado originalmente em 1970. Apesar de ter começado como quinteto, o Trapeze "acertou" a mão nesse seu segundo registro já totalmente convertido para o Hard. Glenn Hughes, Mel Galley e Dave Holland, conseguiram criar melodias pesadas e depressivas ao mesmo tempo de grooves e levadas puramente "blacks". Essa veia "black" amadureceu no disco seguinte, o igualmente genial "You Are the Music We're Just The Band", de 1972. Nesse disco, apesar de se manterem fiel ao formato Power Trio, contavam com uma série de convidados como Rod Argent no piano elétrico e B.J. Cole na steel guitar por exemplo. Depois de tais feitos, Glenn foi chamado para assumir a vaga deixada por Roger Glover no Purple. Mel tocou com inúmeras bandas, dentre elas o Whitesnake e o Phenomena II. Dave Holland, por sua vez, passou nove anos de sua carreira como baterista do Judas Priest, até ser substituído em 1990 pelo Scott Travis.

O Grand Funk Railroad também teve seus dias de glória como um trio. Mark Farner, Mel Schacher e Don Brewer formavam o trio de Hard mais respeitado da América no início da década de 70. Do disco de estréia "On Time" de 1969 até "E Pluribus Funk" de 1971, eles se mantiveram fiéis ao formato de Trio. Em 1972 "convidam" Craig Frost para os teclados, o que mudou a sonoridade do grupo, como pode ser conferido no disco "Phoenix". Em 1973 já "efetivam" de vez o novo integrante, se transformando num quarteto.

Outro que também foi trio no início de carreira é o Thin Lizzy. Formado na Irlanda em 1970, o Lizzy lançou 3 discos como trio: Thin Lizzy de 1970, Shades of Blue Orphanage de 1971 e Vagabonds of Western World de 1973. Se por um lado nos dois primeiros eles traziam muita influência Folk, no "Vagabonds" o Hard corria solto, com muita sonzeira de Baixo-Guitarra e Batera, com na faixa "The Rocker". Com a saída do guitarrista Eric Bell, o Lizzy (leia-se Phil Lynott e Brian Downey) ainda segurou a onda como um Trio ao convocar Gary Moore para as guitarras. Infelizmente durou pouco e Moore nem chegou a gravar um disco com o Lizzy nessa altura do campeonato (1974), apenas alguns compactos (somente em 1979 ele voltaria para o grupo e gravaria o sensacional Black Rose). Ainda em 74, com a saída de Moore, Lynott chama Brian Robertson e Scott Gorham para as guitarras, transformando o Lizzy num quinteto.

Já que geograficamente estamos falando da Irlanda, vamos dar um "pulinho" até o País de Galês, onde nasceu mais um poderoso

trio – o Budgie. A formação da banda data de 1968, mas o primeiro registro vinílico surgiu em 1971, com um álbum simplesmente intitulado "Budgie". No ano seguinte lançam "Squawk", que até chegou a ser lançado aqui no Brasil na mesma época. Depois veio a melhor fase do trio de 1973 até 1975, quando lançaram os seguintes discos: "Never Turn You Back to A Friend", "In For the Kill" e "Bandolier". Além de um som peculiar, um tanto potente e único – graças a voz aguda do vocalista/baixista e líder Burke Shelley, O Budgie também tinha lindas capas desenhadas por ninguém menos que Roger Dean, o mago que criava capas para o Yes, Greenslade, Uriah Heep e muitos outros. Nos anos 80, o grupo virou um quarteto com a inclusão de um tecladista. Até hoje continuam na estrada, sempre realizando shows memoráveis no Velho Continente.

Outro grupo que também teve sua fase áurea como um trio, e depois "ampliou o time" foi o James Gang, que veio da cidade de Cleveland, nos EUA. Poucos sabem, mas o "cabeça" e fundador do grupo foi o batera Jimmy Fox, que em 1967 recrutou Tom Kriss para o baixo, logo substituído por Dale Peters e Joe Walsh para a guitarra e vocais. Walsh acabou tomando a frente do grupo, pelo menos em popularidade, tanto que chamou a atenção de Pete Towshend, que, impressionado, convidou o James Gang para abrir a tour européia do Who, promovendo então seu disco "Who's Next". Como trio, lançaram 3 discos de estúdio e um genial ao vivo – "Live in Concert". Depois Walsh larga o grupo, que virou um quinteto com a entrada de Dominic Troiano na guitarra, e Roy Kenner nos vocais. Dois álbuns depois, Troiano cede sua vaga para um jovem talento – Tommy Bolin – indicado justamente por Walsh, para assumir as 6 cordas. E a carreira do Gang continuou, só que infelizmente temos que parar por aqui, pois eles já não eram mais trio, certo?

Inesquecíveis trios dos anos 70: Grand Funk Railroad, Dust, Rush e West Bruce & Laing

Voltando a falar de trios, um dos mais bem sucedidos dos anos 70 foi o West Bruce & Laing. Também pudera, a formação era um "baque" para quem acompanhava o Hard Rock da época, um super grupo, como desde os tempos do Cream, não se via: Jack Bruce, ainda louco pra fazer um barulho bem no estilo trio, Leslie West e Corky Laing, ambos órfãos do Mountain, que embora fosse um quarteto, tinha um som bem típico do Cream, cortesia de seu genial baixista e compositor – Felix Pappalardi. O WB&L lançou três álbuns: "Why Don'tcha", "Whatever Turns You On" e o ao vivo "Live n' Kickin". Infelizmente, assim como no Cream, o clima foi ficando feio, dessa vez entre Bruce e West. Com um ano e meio de banda tudo acaba.

Como dizem os pessimistas: "Tudo o que é bom dura pouco", outro trio que teve vida breve foi o Bang. Foram apenas 3 discos: Bang, Mother/Bow to the King e Bang Music. Esse pesadíssimo trio norte-americano era formado por Frank Gilcken nas guitarras e vocais, Frank Ferrara no baixo e vocal e Tony D'Iorio na bateria. Muita influência de Black Sabbath no som do grupo.

Já que o assunto é peso em formato de trio, nada melhor do que trazer à tona, um dos mais poderosos e pesados trios da América – o Sir Lord Baltimore. O "Sir Lordão", como é carinhosamente chamado por aqui, lançou dois registros, "Kingdom Come" em 1970 e o homônimo "Sir Lord Baltimore" em 1971. Basta dizer que eram considerados o grupo mais pesado do mundo até então. O alucinado John Garner, ou "The Garn" para os íntimos, era o baterista e vocalista do Sir Lord. O time ainda contava com Louis Dambra na guitarra e Gary Justin no baixo.

O Freedom foi formado pelo guitarrista Ray Royer e pelo baterista Bobby Harrison, que por mais incrível que possa parecer, eram integrantes do Procol Harum, na época do lançamento do single de "A Whiter Shade of Pale". Eles não chegaram a gravar um disco inteiro com o grupo, pois o chefão Gary Brooker resolveu dispensá-los e convocou seus ex-parceiros da época dos Paramonts – Robin Trower e B.J. Wilson para os respectivos postos. Os revoltados Bobby e Ray convocam então Peter Dennis para o baixo e Roger Saunders também na guitarra, partindo para o ataque das platéias britânicas como um quarteto. Como a fórmula não surtiu muito efeito, o líder Bobby Harrison resolve apostar todas as fichas no formato trio e partem para a América como banda de abertura do Black Sabbath e Jethro Tull. Quatro álbuns no curriculum e tudo acaba, com Bobby abandonando a bateria e se tornando vocalista da banda Snafu, que trazia o ex- Juicy Lucy e futuro Whitesnake, Micky Moody nas guitarras.

Outro importante trio britânico foi o Gun, também considerado a primeira "peripécia" musical dos irmãos Gurvitz. Formado em 1968, o trio trazia além dos irmãos, o batera Lois Farrell. Emplacaram o hit "Race With the Devil" do disco de estréia, e ainda lançaram um segundo disco, intitulado "Gun 2 (Gun Sight)", em 1970. Logo após esse lançamento, a banda se dissolve, e os incansáveis irmãos formam outro grandioso power trio - o Three Man Army - com o experiente Mike Kelly (ex Spooky Tooth) na bateria. Esse foi depois substituído por Tony Newman, que tinha gravado o disco "Beck-Ola" com Jeff Beck.

Trios Canadenses

O Canadá se tornou uma "escola" de Power-Trios. Nos anos 70, centenas de trios eram formados naquele país.

O Rush foi e sempre será o mais bem sucedido de todos eles. Com uma gloriosa carreira iniciada em 1968, o mais popular trio canadense começou a gravar apenas em 1974. Para a gravação de seu segundo disco, "Fly By Night", de 1975, eles convocam o mestre Neil Peart para a bateria e até hoje encantam fãs do mundo inteiro com seu virtuosismo e sua técnica apurada. O bom do Rush, é que ao assistir, ou ao simplesmente ouvir a música do trio, aquela tradicional pergunta feita por todos na época do Cream vem à cabeça novamente: "Como apenas 3 caras podem fazer um som desses?". Geddy, Alex e Neil, simplesmente buscavam atingir todas as possibilidades que uma banda com 3 integrantes poderia oferecer. Geddy além de cantar, toca baixo e teclados. Alex faz as guitarras e também os teclados, e Neil cuida de toda a parte percussiva do espetáculo, seja ela acústica ou eletrônica.

Na onda de sucesso do Rush surgiu o Triumph, que, apesar de também serem bons músicos, não chegavam nem aos pés do Rush. O trio era formado por Gil Moore, Rik Emmet e Mike Levine, e sempre agradou mais aos fãs de Heavy Metal do que aos fãs de Progressivo. Apesar de terem estreado em vinil no ano de 1975, seus discos de maior sucesso foram o "Allied Forces" de 1981 e o "Never Surrender" de 1983. Ao vivo eles impressionavam, esbanjando vigor e efeitos pirotécnicos. Do Canadá vieram também os trios: Hunt, Goddo,Symphonic Slam, Troyka e Spring Fever – além do Mahogany Rush de Frank Marino e do Charlee de Walter Rossi.

PROG

Em se tratando de Rock Progressivo o primeiro trio que vem à mente é o Emerson Lake and Palmer. E não poderia ser diferente – eles já nasceram como um supergrupo – era como se verdadeiros heróis públicos se "armassem" de instrumentos musicais e partissem para a conquista do mundo. Goste-se ou não do estilo do ELP, o que deve ser relevado é que eles eram demais para a época – eram exímios músicos, que, apesar de possuírem formação clássica, eram também roqueiros excêntricos e presunçosos. Faziam muito sucesso com o público mais radical suas longas suítes musicais, e até emplacavam hits como "Lucky Man" e "From the Beginning", agradando também um público mais popular. Eles conseguiam se situar num meio termo entre "cult heroes" e "banda de arena". No quesito "como é que eles conseguem?" podemos destacar as grandiosas "Tarkus" e "Karn Evil 9".

Dos integrantes do ELP, podemos "fazer uma ponte" para outros trios que abalaram o Rock Progressivo. Carl Palmer antes de entrar no ELP, tinha gravado com o Atomic Rooster seu homônimo disco de estréia, junto com Vicent Crane e Nick Graham. Crane sempre foi o líder do grupo, e manteve o Rooster na estrada por muitos anos, até vir a se suicidar em 1989. O Atomic Rooster foi um trio somente nessa primeira fase, com Carl Palmer na bateria.

Keith Emerson vinha do The Nice, que em seu disco de estréia era um quarteto. Do segundo em diante, o Nice passou a ser um trio com o próprio Emerson nos teclados, Lee Jackson no baixo e Brian Davison na bateria.

Já Greg Lake vinha do King Crimson que na época de seu primeiro disco – "In The Court of The Crimson King" era um quinteto com Robert Fripp, o próprio Lake, Ian McDonald, Michael Giles e Peter Sinfield que não tocava nada, mas fazia as letras e cuidava da iluminação, e ainda assim, era tido como membro oficial do grupo. O King Crimson chegou a ser um trio com Fripp, Bill Bruford e John Wetton, e com essa formação lançaram o esplêndido "Red" bem no final de 1974. E não podemos esquecer que o pré-King Crimson também era um trio – Giles Giles & Fripp – que lançou um único disco em 1968, chamado "The Cheerful Insanity Of".

Imensamente influenciado pelo ELP, temos o grupo holandês Trace, formado em 1973 pelo tecladista Rick Van Der Linden, Pierre Van Der Linden (ex-Focus) na bateria e Jaap Van Eik no baixo. Rick "abusava" das teclas e esbanjava virtuosismo, fosse no órgão Hammond, no piano, no Mellotron e até nos sintetizadores. Pierre foi substituído por Ian Mosley no segundo registro da banda – "Birds", de 1975. Para o terceiro disco, lançado em 1976, o tecladista chamou uma série de convidados, descaracterizando o formato trio.

Ainda na "escola" do ELP, outros aplicados alunos foram os 3 integrantes do Triumvirat - Hans Bathelt (bateria e percussão), Helmut Köllen (baixo, guitarra e vocais) e Jürgen Fritz (teclados e vocais). O grupo foi formado em Cologne na Alemanha em 1969, e conseguiu muito prestígio junto aos fãs de Rock Progressivo durante os anos 70. Seus mais marcantes trabalhos foram o "Illusions on a Double Dimple" de 1974 e "Spartacus" de 1975.

Da Itália vinha o Le Orme, que na verdade começou como um quarteto, no longínquo ano de 1966. Essa época eles não faziam Progressivo, mas sim aquele som Beat criado pelos ingleses, e muito em voga também na Itália. O grupo naturalmente começou a agregar elementos psicodélicos às suas novas composições, e de repente partiu para o Progressivo com uma formação Baixo-Teclados-Bateria. Em 1971 lançam "Collage", que é considerado um dos pilares do Rock Progressivo mundial. O som era bastante técnico porém energético, e as letras traziam críticas sociais por parte de Tony Pagliuca. Em 1972 sai o conceitual "Uomo di Pezza", com um incrível som de órgão. Os rapazes curtem muito esse lance conceitual e soltam mais um disco nessa praia em 73 – "Felona e Sorona" - puro conto de ficção científica. Com o disco ao vivo "In Concerto", de 1974, os rapazes começam a se desapontar com o formato trio, pois, como mostra o disco, eles não conseguem reproduzir no palco as complexas texturas criadas em estúdio. Mais um álbum como trio – "Contrappunti" – também de 74, e basta para o grupo convocar o bluseiro guitarrista Tolo Marton, tornando-se um quarteto. Voltam a ser um trio somente no início dos anos 80, com o lançamento de "Venerdi".

Para encerrar, vale lembrar que certas bandas chegaram a lançar discos como um trio, como por exemplo o Soft Machine, cujo primeiro disco de 1968 foi gravado por um trio – Kevin Ayers, Mike Ratledge e Robert Wyatt. O segundo disco intitulado "Volume Two", também foi concebido por um trio, só que com Hugh Hopper no lugar de Ayers.

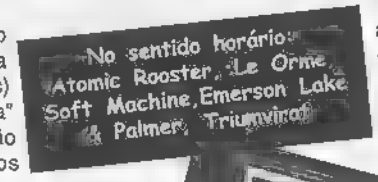
O segundo disco do Tempest, "Living In Fear" de 1974, trazia o super-time: John Hiseman, Mark Clark e Ollie Halsall. E já que o assunto é super-time, que tal Terry Bozzio, John Wetton e Eddie Jobson? Pois eles formaram o UK que lançou 3 discos. O primeiro disco deles – "UK" – trazia um quarteto com Bill Bruford, Allan Holdsworth, Wetton e Jobson. Já os dois seguintes – "Danger Money" e "Night After Night Live" - traziam o trio Bozzio/Wetton/Jobson detonando tudo.

Os discípulos de Jimi Hendrix

A influência de Jimi Hendrix foi tanta, que não apenas o público foi afetado pela genialidade do guitarrista, mas também os próprios músicos, contemporâneos ou não, que foram atingidos em cheio pelas inovações de Hendrix.

Depois de sua rápida passagem pela Terra, uma verdadeira legião de guitarristas passaram a tocar, compor e até mesmo a se portar como ele. As roupas, os timbres, a formação com três integrantes eram as mesmas do Experience.

Um bom exemplo dessa influência é o inglês Robin Trower, que mudou bastante seu estilo depois do surgimento do garoto negro e canhoto de Seattle. Trower gravara 5 discos com o Procol Harum, e apesar do excelente trabalho realizado por ele, o que mais sobressaía no conjunto era mesmo o piano e as composições de Gary Brooker. Desapontado ele resolve partir para uma carreira solo chamando Jim Dewar (ex-Stone



the Crows) para o baixo e vocais e Reg Isidore na bateria. O som era algo como o Hendrix da época da Cry of Love Band, com os vocais de Paul Rodgers, já que a voz de Dewar era demasiadamente semelhante à do vocalista do Free e do Bad Company. Trower chegou a dar uma declaração na época, dizendo que enquanto tocava, recebia o espírito de Jimi Hendrix. Estratégias de Marketing à parte, o som tirado por Trower era de arrepiar. Com essa formação de trio ele lançou 5 discos, sendo um ao vivo. Mais tarde, em 1977, ele chamaria um baixista (Rustee Lee), deixando Dewar livre para os vocais, e transformando o seu grupo num quarteto

Do Canadá vem mais um discípulo de Hendrix – Frank Marino e seu Mahogany Rush Com total influência assumida, Marino desenvolveu ótimos trabalhos como "Child of the Novelty" de 1974, "Strange Universe" de 1975, e o "Live" de 1978, que não por acaso, era encerrado com uma versão para "Purple Haze". As capas também eram um caso à parte, belas e muito inspiradas – davam um toque todo especial ao trabalho do guitarrista.

Também daquelas geladas terras nórdicas, vinha Walter Rossi que assim como Marino, era também um exímio seguidor de Jimi Hendrix. Seu melhor trabalho foi com seu trio Charlee, que lançou um único registro homônimo em 1972. Desse disco podemos destacar a sensacional faixa "A Way To Die".

Em todos os cantos do planeta Hendrix tinha deixado órfãos. Na Alemanha, seu mais ilustre seguidor foi Ulrich Roth, que foi mundialmente consagrado pelo seu exímio trabalho como guitarrista do Scorpions, onde atuou de 1974 até 1978, gravando 5 grandes discos, sendo um deles o essencial "Tokyo Tapes". O trabalho de guitarra e vocal feito por Roth em "Polar Nights" era Hendrix puro. Em 1978 ele resolve sair e formar um trio nos moldes do Experience – o Electric Sun. Com o grupo lançou alguns discos, entre eles podemos destacar o "Earthquake" e o "Fire Wind".

Com a morte de Hendrix, os próprios músicos que o acompanhavam, sentem uma necessidade de continuar com algo no mesmo estilo, e ao mesmo tempo preencher o imenso vazio deixado pelo guitarrista na cena musical. Alguns deles formaram trios como o Road de Noel Redding e o Nitrofunction de Billy Cox. Ambos ficaram somente no disco de estréia, que foram lançados em 1972 e 1971 respectivamente.

Outros guitarristas que apostavam no formato trio

O enfezado mas competente Gary Moore, antes de entrar para o Lizzy em 1974, vinha de um trio irlandês – o Skid Row. Pois é, já existiu um Skid Row menos afetado e mais competente na virada dos anos 60/70 Blues, Hard e Baladas eram a tônica do grupo, que lançou, na verdade, 3 discos (sendo o último deles póstumo, e bem desconhecido). Aliás, com o disco homônimo de estréia do Skid Row, aconteceu aqui pelo Brasil (ainda bem), mais um tradicional caso típico de ignorância por parte da gravadora, no caso, a Sony Brasileira. Para nossa alegria, lá pelos idos de 1993, a Sony colocou no mercado, em sua série econômica "Best Price", justamente esse disco em questão. O que aconteceu, foi que na verdade eles queriam lançar o disco de estréia "daquele" Skid Row baba e farofa, só que na confusão acabaram lançando o Skid Row Hardão dos anos 70, um milagre!!!!

Resultado. era comum você ir nas Lojas Americanas, ou algo do tipo, e se deparar com centenas desse disco "encalhado" e por um preço baratérrimo, ao lado de pérolas da mesma série, como Pepino Di Capri e Miami Sound Machine. Deve ter sido um dos maiores encalhes da Sony brasileira, o "nó cego" que fez a cagada deve ter perdido o emprego, e sorte de quem adquiriu o disco nessa mais do que propícia ocasião (como esse escriba aqui, hahaha).

Rory Gallagher, antes de brilhar em sua inesquecível carreira solo, foi "projetado" ao mundo musical no Taste – um genial trio irlandês, que mesclava como ninguém o Blues, o Hard e o Jazz Formado em 1966, o grupo tinha muita influência do Cream, até que em 1968, antes mesmo do lançamento de seu primeiro álbum, o grupo abriu o show de despedida do próprio Cream no Royall Albert Hall em Londres. Era muita glória para esses jovens "bebuns" irlandeses. Mais e mais glórias eram constantes na meteórica carreira do Taste, como tocar no lendário Festival da Ilha de Wight, ao lado de Hendrix, Who, Doors, Free e Ten Years After, entre muitos outros Quanto à discografia, dois discos de estúdio e dois "live albuns" são o que esse grupo deixou para a posteridade. Para sua carreira solo, Rory Gallagher também montou um trio e gravou seus 3 primeiros álbuns com essa formação. Para "Blue Print" de 1973 ele transforma tudo em quarteto, adicionando Lou Martin nos teclados. Em 1978, Rory reaparece com um trio, gravando os discos "Photo Finish" e "Top Priority". A verdade é que ele próprio declarou que o que ele curtia mesmo é um Power Trio.

Já que tocamos no nome do Ten Years After, Alvin Lee era outro guitar hero também apaixonado pelo formato trio. Bem depois do fim do Ten Years After, e de uma até que bem sucedida carreira solo, mais precisamente em 1978, Lee formou o Ten Years Later, que era um poderoso power trio, com Mick Hawksworth (ex-Andromeda e Fuzzy Duck) no baixo, e Tom Compton na bateria. Como registros, os discos "Rocket Fuel" e o mezzo live/mezzo estúdio "Ten Years Later Ride On" são essenciais para quem quiser entender um pouco sobre power trios virtuosos

E talvez o mais virtuoso Power Trio tenha sido o Beck Bogert & Appice. Também, pudera, com três astros desse porte reunidos num mesmo grupo, o resultado não poderia ser outro Beck vinha de uma fase mais soul com seu Jeff Beck Group, que tinha em suas fileiras o grande Cozy Powell na bateria (esse também tocara num trio nessa época – o Big Bertha). Depois de dois discos nessa fase, Beck estava doidinho para cair de boca no som pesado, e como no início dos anos 70 – o negócio era formar um trio – não deu outra. Beck como não é bobo nem nada, convidou a cozinha do Cactus, Tim Bogert no baixo e Carmine Appice na bateria para sua nova empreitada. Vale lembrar que essa era também a cozinha do Vanilla Fudge, que foi um dos grupos pioneiros no Rock Pesado norte-americano. Um acidente automobilístico sofrido por Beck acaba atrasando o projeto, que veio se realizar somente no final de 1972. No ano seguinte lançaram sua impecável e homônima estréia. Turnês mundo afora, e shows concorridíssimos, como aquele realizado no Koseinenkin Hall em Osaka no Japão,de onde foi extraído o maravilhoso

registro duplo "Live In Japan". Poucos sabem, mas o grupo chegou a gravar um segundo disco de estúdio, que foi arquivado e nunca lançado oficialmente. São na verdade oito temas que até hoje permanecem inéditos Apesar de toda balbúrdia em cima dos três, tudo acaba em janeiro de 1974, com um irritado Beck dando declarações que nunca mais viria a tocar Rock Pesado e que tinha se sentido um palhaço nesse pouco mais de um ano ao lado de Bogert e Appice.

O albino mais insano do Texas também começou com um trio. Mr. Johhny Winter era acompanhado de Tommy Shanon no baixo e "Uncle" John Turner na bateria. Com essa formação, tocou no festival de Woodstock em 1969, e gravou ainda naquele ano os álbuns, "Progressive Blues Experiment" e "Johhny Winter". Depois com a entrada de seu irmão Edgard Winter, sua banda viraria um quarteto Formou o And que também era um quarteto, mas voltou ao formato trio nos álbuns "Still Alive and Well" e "Saints and Sinners" Nunca abandonou em definitivo a formação com três integrantes, e volta e meia, sempre aparece por aí com um triozinho detonando um blues da melhor qualidade. Quem também parece que se

Compacto japonês do BBA, Bogert e Beck live, Stevie Ray Vaughan, Johnny Winter com Bobby Caldwell na bateria, ZZ Top

apaixonou pelo formato foi Tommy Shanon, que nos anos 80 fez parte do mais importante power trio de blues daquela década – o Stevie Ray Vaughan and Double Trouble.

Stevie Ray parece ter nascido na época errada – ele era bom demais para os anos 80. Apresentou o Blues para uma geração que estava mais ligada em Duran Duran e New Order. Como trio lançou seus dois primeiros discos – "Texas Flood" e "Could'nt Stand the Weather". Depois "agregou" um tecladista, transformando seu grupo num quarteto.

Ainda nas empoeiradas terras texanas, lamos o grande ZZ Top, do guitarrista Billly Gibbons, com Frank Beard na bateria e Dusty Hill no baixo. Juntos eles formam o Power-Trio mais duradouro do Rock, são 33 anos de serviços prestados ao Rock, ao Boogie e ao Blues. A formação permanece intacta desde o início, em 1970, quando o próprio Gibbons chegou a ser elogiado por Jimi Hendrix. A melhor fase do ZZ Top, é o início de carreira deles, ou melhor, os 6 primeiros discos, que englobam o período que vai de 1971 até 1979, com destaque todo especial para "Tres Hombres" de 1973. Nele, o trio impõe sua rústica sonoridade para os pomposos padrões progressivos da época. Outro famoso guitarrista que começou em um Power Trio foi Eric Johnson, que desfilava seus solos em um grupo chamado "Mariani". A banda era liderada pelo baterista Vince Mariani e lançou sua estréia em 1970, com o disco "Perpetum Mobile".

STAND UP
www.standup-music.com.br

Progressivo, Hard Rock, Psicodélico, Jazz, 60's & 70's

Atendemos pelo correio para todo o país

Tel: (11) 3362-1561 / 9126-1127

Rua 24 de Maio 62 - 2º andar - Loja 368
Cep.01041-000 - Sao Paulo - SP

Moby Dick

CD'S e DVD'S Nacionais e Importados

Jazz - Rock - Blues
Progressivo

COMPRA - VENDA - TROCA

Atendemos Via Sedex

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar
Loja 364 - São Paulo - SP
Fone: 222-8517 - Fax: 3362-1912

CD'S de Power Trios é na Aqualung

Enviamos para todo o Brasil via correio

Loja 1 Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 Loja 305
Fone/Fax (11) 222-0284

Loja 2 EM&T - Andar Térreo
Fone (11) 5011-8898

http://www.aqualung.com.br
e-mail:aqualung@aqualung.com.br

Fotos gentilmente cedidas por Hector Borja
Fotos do Aeroblus, gentilmente cedidas por Rolando Castello Junior

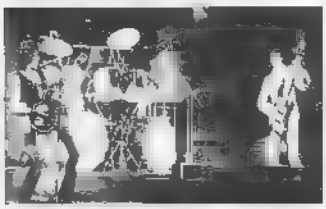
Vox Dei, Aeroblus e Color Humano. Ao lado o clássico, raro e único, registro do Aeroblus

Os trios Argentinos dos anos 70

por Hector Borja

Os "Power-Trios" muito populares em vários lugares do mundo na década de setenta também tiveram suas versões em Buenos Aires (Argentina), tanto nos estilos hard-rock, como no psicodélico, no blues, no progressivo e até no folk. Eis uma geral das bandas surgidas na época no panorama argentino e o que deixaram como registro:

AEROBLUS



Banda de hard-rock formada em 1976 por **Norberto Napolitano** (mais conhecido como **Pappo**) (**ex-Los Abuelos de la Nada, Conexión N° 5, Los Gatos, La Pesada e Pappo's Blues**) (guitarra e voz), **Alejandro Medina** (**ex-The Seasons, Manal e La Pesada**) (baixo e voz) e o brasileiro **Rolando Castello Junior** (**ex-Made in Brazil** e futuro **Patrulha do Espaço**) (bateria)

Este grupo deixou apenas um único registro gravado, **Aeroblus** (77), na realidade, uma espécie de elo intermediário entre o famoso **Pappo's Blues** e o que **Pappo** viria a fazer depois na sua futura banda de nome **Riff**, no início dos anos oitenta. Por causa de um regresso temporário de **Castello Junior** ao Brasil, **Pappo** ressuscita o antigo **Pappo's Blues** até a sua volta Devido à demora no retorno do baterista brasileiro, **Pappo** e **Medina** tentaram reativar o **Aeroblus** com o baterista **Gonzalo Farrughia** (**ex-Crucis**), mas não tiveram a mesma sorte e o projeto foi abandonado de vez.

ALAS

Banda de rock progressivo, formada em 1974 por **Gustavo Moretto** (**ex-Alma y Vida**) (teclados, sax, trompete e voz), **Alex Zucker** (**ex-Montes e Pedro y Pablo**) (baixo e guitarra) e **Carlos Riganti** (**ex-Materia Gris**) (bateria e percussão). Com esta formação, deixaram como registros um single com as músicas **Aire (surgente) / Rincón, mi viejo rincón** (75) (EMI 1262), além do primeiro LP de nome homônimo (76) (EMI 8294), que também era conhecido popularmente como **Buenos Aires solo es piedra**, título dado a uma das suítes do disco No outro lado do disco, figurava outra suíte chamada **La Muerte contó el dinero**.

A música deste grupo era uma fusion entre **ELP**, rock sinfônico, musica folclórica Argentina e o estilo inovador do tango a la **Astor Piazzolla**.

Alex Zucker deixa a banda para imigrar para os EUA e é substituído pelo baixista **Pedro Aznar** (**ex-Madre Atômica** e futuro **Pat Metheny Group e Seru Giran**).

Com esta última formação fizeram muitos shows e tiveram a oportunidade de gravar um segundo LP chamado **Pinta tu Aldea** (78). Lamentavelmente, a EMI Odeon Argentina guardou isso na gaveta, sendo lançando somente após cinco anos, quando o rock progressivo já era "passado" para o público portenho (83) (EMI 6486)

COFRADIA DE LA FLOR SOLAR, LA

A banda nasceu em 1969 a partir de um grupo de jovens que viviam em uma comunidade hippie na cidade de La Plata (a 55 km de Buenos Aires), os quais sobreviviam da venda de artesanato e música. Quatro destes jovens eram oriundos da província de Entre Rios (leste argentino): **Juan "Kubero" Díaz , Morcy Requena, Rubén "Tzocneh" Lezcano** e **Néstor Paul**. Já nos finais de 1969 começaram a aparecer com freqüência na noite "portenha", devido ao sucesso do single gravado para o selo RCA Victor com as seguintes músicas - **La mufa / Sombra fugaz por la ciudad** (RCA Vik 31Z-1556). A seguir, outro tema, **Juana,** gravado para uma coletânea de vários artistas intitulada **Pidamos Peras a Mandioca** (Mandioca MLP 335).

Em 1971 sai o LP homônimo (Microfón I-293) com a seguinte formação: **Juan "Kubero" Díaz** (guitarras elétricas e acústica e voz), **Morcy Requena** (baixo e voz) e **Manija Paz** (bateria e percussão). A música e letras eram de responsabilidade de **"Kubero" Díaz** e **Néstor Paul.** Contaram com a ajuda de dois integrantes da comunidade no disco, são eles: **Skay Beilinson** e **Quique Gornatti** (ambos nas guitarras) Na minha opinião, este é um dos melhores discos de hard-psicodélico da época.

COLOR HUMANO

Após a dissolução do **Almendra,** (um dos ícones do rock argentino) o músico **Edelmiro Molinari** formou vários trios até solidificar, em 1971, o famoso **Color Humano,** de hard-rock puro. A primeira formação tinha em suas bases o próprio **Edelmiro Molinari** (guitarra e voz), **Rinaldo Rafanelli** (baixo e voz) (futuramente **Sui Generis e Polifemo**) e **David Lebón** (**ex-Pappo's Blues e La Pesada** e futuro **Pescado Rabioso, Polifemo, Seleste e Seru Giran**) (bateria). Com esta formação deixam seu primeiro registro em LP, intitulado apenas **Color Humano** (72) (Microfón I-326). No começo do ano e após a aparição do disco, **Lebon** deixa a banda e o seu lugar é ocupado por **Oscar Moro** (**ex-Los Gatos, Nebbia's Band, Huinca** e futuramente **La Máquina de Hacer Pájaros e Seru Giran**). Esta segunda formação foi a mais abrangente em tudo e com ela ficou o registro de dois singles, **Mañana por la noche / Cosas rústicas** (Talent 3961), **Sangre del sol / Va a salir um lugar** (Microfón 3895) e o álbum duplo **Color Humano II** (73). Por questões de mercado, este álbum foi editado de forma separada, com um intervalo de aproximadamente seis meses entre um e outro. (Talent I-404 e Talent I-469 respectivamente).

CUERO

A banda nasceu em 1972 como um grupo de hard-rock, através de uma experiência de **Nacho Smilari (ex-Los Náufragos, La Barra de Chocolate, Vox Dei e Piel de Pueblo)** (guitarra e voz) e os amigos **Enrique Mallorens (ex-La Joven Guardia)** (baixo) e **Carlos Calabró (ex-Piel de Pueblo)** (bateria). Com esta formação o grupo grava seu único LP intitulado **Tiempo Despues** (73) (Music Hall 2405). Logo a banda acaba, e como **Nacho Smilari** tinha um contrato a cumprir, grava ainda com o nome de **Cuero** um segundo LP com convidados intitulado **Crecimiento** (74) (Music Hall 13072). O mesmo foi gravado com **Nacho Smilari** no comando e a ajuda de convidados. O LP tem uma onda mais latina com influência afro. Conforme o próprio **Smilari,** essa onda era mais conhecida como afro-rock.

DÍAS DE BLUES

Banda uruguaia formada por três integrantes do **Opus Alfa Daniel Bertolone** (guitarra, gaita, teclados e voz), **Jorge Barral** (guitarra, baixo e voz) e **Jorge Graf** (bateria, percussão e coros) continuam como o trio **Días de Blues**. Enquanto **Opus Alfa** era uma banda que fazia hard-rock, com influências de jazz e do progressivo, o **Días de Blues** puxava mais para o blues, tendo como referências **Jimi Hendrix** e **Cream**. O único LP lançado levava o nome da banda e foi gravado em Buenos Aires (73) (De La Planta KL 8332) O álbum também foi relançado no Uruguai e na Argentina com diferentes capas, inclusive o CD chegou a ser lançado com capa diferente por um selo italiano. A música da banda é muito sólida e até o próprio **Jorge Graf** solta-se mais na bateria do que no seu grupo anterior. As letras falavam sobre o inconformismo social e as drogas, coisa não muito boa pra eles em época de ditadura militar uruguaia. É um ótimo álbum, interessante para aqueles que gostam de blues e de hard-rock, seja argentino ou uruguaio. Incluí esta banda na matéria, devido ao fato de que a mesma alternava-se tocando entre Montevidéu e Buenos Aires, em diversos locais e festivais.

INVISIBLE

Esta banda nasce em 1973 idealizada por **Luis Alberto Spinetta (ex-Almendra e Pescado Rabioso** e futuro **Banda Spinetta e Spinetta Jade)** (guitarra e voz) após a dissolução do **Pescado Rabioso**. Juntam-se a ele **Carlos "Machi" Rufino (ex-Sociedad Anônima, Los Walkers, Pappo's Blues** e futuro **Tantor)** (baixo e voz) e **Héctor "Pomo" Lorenzo (ex-Los Abuelos de la Nada, La Pesada e Pappo's Blues** e futuramente **Sr. Zutano, Seleste e Spinetta Jade)** (bateria). Com esta formação, o **Invisible** deixa dois singles em 1974 **Elementales leches / Estado de coma** (Talent 3959) e **Oso del sueño / Viejos ratones del tiempo** (Talent 4067), além de um LP intitulado **Invisible** (Talent SE-510). É bom lembrar que este LP vinha acompanhado de um single como bônus, que por questões de gravação não entrou no LP. As músicas eram **La llave del mandala / Lo que nos ocupa es esa abuela, la conciencia que regula el mundo** (Talent 4016) No ano seguinte lançam o segundo álbum intitulado **Durazno Sangrando** (CBS 119467), e também são chamados para participar de um LP com vários artistas, o mesmo era conhecido como **Rock Competition** (CBS 19445), no qual eles fazem uma versão de um músico argentino conhecido como **Tanguito.** O nome da música é **Amor de primavera.** No final de 1975 incorpora-se à banda o músico **Tomás "Tommy" Gubitsch (ex-Rodolfo Mederos y Generacion Cero)** e é gravado o álbum **El Jardín de los Presentes** (76) (CBS 119590). Este último disco é bem mais elaborado e contém influências de jazz-rock e a onda tangueira renovadora de **Astor Piazzolla.**

MANAL

Junto com **Los Gatos e Almendra, Manal** formou a base sólida do nascimento do rock argentino nos anos setenta. A banda nasceu em 1968 como **Trío Ricota** (por causa dos ingleses **Cream** dos quais a banda tinha influências) e depois mudam o nome para **Manal**. A banda tinha como particularidade a fusão entre o rock, o blues e a música urbana. Era formado por **Javier Martinez (ex-El Grupo de Gastón)** (bateria e voz), **Alejandro Medina (ex-The Seasons** e futuramente **La Pesada, Aerobius** e **Pappo's Blues)** e **Cláudio Gabis** (futuramente **La Pesada, banda de Ney Matogrosso e Index** no Brasil). Deixaram como registros dois álbuns, **Manal** (70) (Mandioca MLP 333) e **El león** (71) (RCA Vik LZ 1176) e quatro singles **Que pena me das / Para ser un hombre más** (68) (Mandioca MS001), **No pibe / Necesito un amor** (69) (Mandioca MS008), **Jugo de tomate / Avenida Ricadavia** (70) (Mandioca MS014) e **Doña Laura / Elena** (70) (RCA Vik 31Z-1765). Existe um terceiro LP (duplo) relançado por outro selo em 1973, cujo conteúdo era todo o primeiro álbum, todos os singles, além de outras gravações inéditas (Talent SE 386 / 7).

ORION'S BEETHOVEN

Começaram em 1968, como um power-trio, a partir da idéia dos irmãos **Bar. Adrián Bar** (guitarra e voz), **Ronán Bar** (baixo, teclados e voz) e **José Luis González** (bateria). A banda possuía uma linha própria entre o hard-rock, o psicodelismo e o progressivo. Com esta formação gravam o álbum **Superángel** (73) (Polydor 2952006). Depois de quatro anos sem gravar, junta-se à banda o vocalista **Petty Guelache** (futuramente **Bubú**) e com ele gravam seu segundo álbum **Tercer Milenio** (77) (Polydor 2387135). Este último álbum gravado pela banda é mais puxado para o lado hard-rock

PACÍFICO

Banda de aparição fugaz dentro do rock portenho. Nasceu como uma banda folk, mas chegou a ser considerado pela crítica como folk progressivo. A banda era um trio formado por **Miguel Pezzolano** (flauta e voz), **Hugo Arbe** (guitarra e voz) e **Eduardo Martí** (guitarra e voz). Gravam um único álbum intitulado **La Bella Época** (72) (Trova XT-80041). Nesta gravação participam três integrantes da banda Aquelarre como coadjuvantes. São eles: **Héctor Starc** (guitarra), **Emilio Del Guercio** (baixo) e **Rodolfo García** (bateria). Excelente disco, pena que é raro.

Latcínios Nossa Roca

Fone/Fax: (11) 4412-8567

Estrada Boa Vista, Km 9 - CX.P. 396
Cep 12940-000 - Atibaia - SP

FLOWERS

Cd's - VHS
DVD's
Nacionais e Importados
USA - EUROPE - JAPAN

Record's Brazil

Progressive Rock, Hard Rock, Heavy Metal
Folk, Jazz, Blues, New Age, Reggae, Brit-Pop,
Alternative Pop/Rock e o melhor da MPB

COMPRA - VENDA - TROCA

Praça Machado de Assis, 66 Lj. 139 - B Vista - Recife PE
(por trás do cinema São Luiz) - Fone (0xx81)3231.5846
e-mail: flowersrecordsbrazil@terra.com.br
http://www.flowersrecords.cjb.net/
Caixa Postal:1212 CEP:50060-040
Recife - PE

PAPPO'S BLUES

Falar de **Norberto "Pappo" Napolitano** é como falar de um mito do rock e do blues para os argentinos de várias gerações. Sua história começa em 1967, quando ingressa na banda **Los Abuelos de la Nada** e grava um único single. Já em 1969 acompanha o grupo beat **Conexión N° 5**. No final deste ano incorpora-se ao grupo **Los Gatos**, com o qual ganha fama e deixa dois álbuns gravados. Também devemos lembrar que acompanhou inúmeras vezes o grupo **La Pesada** como suporte. A partir de sua saída do **Los Gatos**, decide formar o seu próprio grupo, o lendário **Pappo's Blues**. Para cada álbum lançado no mercado, esta banda sempre contou com **Pappo** como líder (guitarra e voz). Por exemplo: **Pappo's Blues** (71) (Music Hall 2254), conta com **David Lebón** (baixo) e **Juan Carlos "Black" Amaya** (bateria) (ambos **ex-La Pesada**); **Pappo's Blues – Vol. II** (72) (Music Hall 12032) conta com **Luis Gambolini** e **"Black" Amaya** (ambos **ex-La Pesada**) (alternando-se na bateria) e **Carlos Piñata** e **Willy Verdaguer** (alternando-se no baixo); **Pappo's Blues – Vol. III** (73) (Music Hall 2389) e **Pappo's Blues - Vol. IV** (73) (Music Hall 13053) contam com **Héctor "Pomo" Lorenzo** (**ex-Los Abuelos de la Nada** e **La Pesada**) (bateria) e **Carlos "Machi" Rufino** (**ex-Los Walkers** e futuro **Invisible** e **Tantor**) (baixo). O quinto álbum sai com o nome de **Triánguio** (74) (Music Hall 14109) e depois viria o **Pappo's Blues – Vol. VI** (75) (Music Hall 13102). Em ambos, **Pappo** dividiu o trabalho com diferentes músicos convidados, tanto nas gravações como nos shows. A partir daí, **Pappo** decide migrar para Inglaterra, onde toca diversas vezes em shows acompanhando **Peter Green**. Depois volta a Argentina para formar outro trio, o fugaz **Aeroblus** (vide acima). Após a experiência com o **Aeroblus**, **Pappo** retoma novamente o antigo projeto e grava o **Pappo's Blues – Vol. VII** (78) (Music Hall 11391) junto a **Alejandro Medina** (**ex-The Seasons**, **Manal**, **La Pesada** e **Aeroblus**) (baixo) e **Darío Fernández** (bateria). Este seria o último trabalho realizado por **Pappo** na década de setenta. O projeto **Pappo's Blues** nunca foi abandonado, mas essa já é uma outra estória.

POLIFEMO

Nascido como um power-trio de rock'n'roll composto por **David Lebón** (**ex-La Pesada, Pappo's Blues, Color Humano e Pescado Rabioso** e futuramente **Seleste** e **Seru Giran**) (guitarra e voz), **Rinaldo Rafanelli** (**ex-Color Humano e Sui Generis**) (baixo, teclados e voz) e **Juan Rodríguez** (**ex-Los Mentales e Sui Generis**) (bateria e percussão). Depois de dois singles gravados, **Suéltate rock and roll / Vamos tranquilo** (75) (EMI 1251) e **Oye Dios, que me has dado / Búzios blues** (76) (EMI 1317), o grupo ganha energia no palco e decide chamar outro músico para aliar-se a eles. Desta forma entra **Ciro Fogliatta** (**ex-Los Gatos, Sacramento e Espíritu**) (teclados). A partir de então, esta seria a formação definitiva da banda. O som fica mais encorpado e são lançados no mercado dois álbuns homônimos, conhecidos como **Volumén I** (76) (EMI 8334) e **Volumén II** (77) (EMI 8406).

ROCKAL Y LA CRÍA

Banda formada por **Rocky "Rockal" Rodríguez** (guitarra e voz), **Jorge Sacchi** (baixo) e **Luis de La Torre** (bateria). Deixam um único álbum gravado **Salgan del Camino** (73) (RCA Vik LZ-1238). Conforme os colecionadores de vinil um disco muito raro de conseguir. Lamentavelmente existem poucos registros escritos sobre este grupo tão fugaz e repentino no panorama musical argentino na época.

SÍNTESIS

Banda originária da cidade de Rosario (distante uns 380 km ao norte de Buenos Aires) e constituída por **Jorge Alberto Migoya** (guitarra), **Juan Carlos Ricci** (baixo) e **Julio Alberto Cusmai** (bateria). Deixam um álbum raríssimo com o mesmo nome, gravado em apenas dois dias por um selo independente (76) (Profeta 0001). Na gravação participam como convidados: **Sergio Polizzi** (futuramente em **Soluna** e **Bubú**) (violino), **Oscar Tissera** (flauta), **Santiago Aldana** (clarinete), **Mariano Zarich** e **Chachi Ferreyra** (ambos alternando-se no sax). O disco é altamente progressivo, recheado de passagens bem sinfônicas e com incursões pelo jazz-rock. Outro disco muito difícil de conseguir em vinil.

TANTOR

Banda de jazz-rock formada no final de 1978. A mesma foi formada com apenas três integrantes fixos: **Héctor Starc** (**ex-Alta Tensión e Aquelarre**) (guitarra), **Carlos "Machi" Rufino** (**ex-Los Walkers, Pappo's Blues e Invisible**) (baixo e voz) e **Rodolfo García** (**ex-Almendra e Aquelarre**) (bateria e percussão). Gravam um excelente álbum intitulado **Tantor** (79) (Philips 6347383), junto a dois tecladistas convidados: **Leo Sujatovich** e **Litto Vitale** (este último do grupo progressivo **MIA**)

TRÍO GALLETA

Esta banda nasceu nos finais dos anos sessenta quando algumas bandas ainda teimavam em cantar em inglês. Faziam uma mistura de soul music com hard-rock. No repertório, covers do **Creedence Clearwater Revival**, **Golden Earrings**, além de temas próprios. Considerada uma excelente banda, mas infelizmente cantavam em inglês. Seus discos viraram pelo mundo e inclusive até aqui no Brasil foram editados. Seus integrantes eram **Carlos Iturbide** (guitarra e voz), **Aníbal Conte** (baixo) e **Juan Carlos Saporitti** (bateria). Deixaram os seguintes álbuns como registro: **Estoy Herido** (69) (Odeon Pop's LDF 4402) e **Galleta Soul** (70) (Odeon Pop's 4427) e três singles: **I've been hurt / We've got more** (69) (Odeon Pop's DTOA 8531), **Acercate dulcemente / Haciendo** (70) (Odeon Pop's DTOA 8606) e **I am so happy / Going' back to Indiana** (71) (EMI Odeon 71-3297).

TRÍO LLUVIA

Trio folk acústico que surgiu em 1974, criado pelos irmãos **Héctor Sardou** (guitarra acústica e voz) e **José Maria Sardou** (flauta e voz) além de **Nora Basile** (guitarra acústica e voz). Deixaram três álbuns maravilhosos dentro do folk rock propriamente dito. São eles: **Trio Lluvia** (75) (CBS 19426), **Trio Lluvia II** (76) (CBS 119514) e **Trio Lluvia III** (77) (CBS 119643)

VOX DEI

Depois de **Los Gatos**, **Almendra** e **Manal**, podemos dizer que o **Vox Dei** foi um quarto expoente como pioneiro dentro do movimento setentista. Começaram em 1967 como **Mach 4**, que fazia temas próprios em espanhol além de temas em inglês. A formação contava com **Héctor Ricardo Soulé** (guitarra, gaita e voz), **Juan Carlos "Yody" Godoy** (guitarra e voz), **Wilfrido "Willie" Quiroga** (baixo e voz) e **Rubén Basoalto** (bateria). A banda grava com esta formação e já com o nome de **Vox Dei** três singles: **Azúcar amargo / Quiero ser** (69) (Mandioca MS009), **Presente / Dr. Jekill** (70) (Mandioca MS015) e **Canción para uma mujer (que no está) / Total que** (70) (Mandioca MS019) além dos álbuns **Caliente** (70) (Mandioca MLP334) e **La Bíblia** (duplo) (71) (Disc Jockey 14004/5). Após a gravação desse último álbum, **"Yody" Godoy** deixa a banda, dando lugar à entrada de **Nacho Smilari** (**ex-Los Náufragos** e **La Barra de Chocolate** e futuramente em **Piel de Pueblo** e **Cuero**) (guitarra e voz), o qual ficaria na banda aproximadamente um ano e gravaria apenas um single: **Donde has estado todo este tiempo / Tan solo un hombre** (72) (Disc Jockey TS 1383). Após a saída de **Smilari**, a banda decide seguir sua carreira como um trio, e grava dois singles, **Jeremías pies de plomo / Ritmo y blues com armónica** (72) (Disc Jockey TS 1454) e **Loco hacela callar / Prometeme** (73) (CBS DEP22) e cinco álbuns **Jeremías Pies de Plomo** (72) (Disc Jockey 15175), **Cuero Caliente** (uma nova versão do primeiro LP intitulado **Caliente**) (72) (Disc Jockey 25176), **La Nave Infernal** (ao vivo) (73) (Disc Jockey 25177), **Es una nube, No hay duda** (73) (CBS 119289) e **Vox Dei para Vox Dei** (74) (CBS 119409). A partir daqui, **Ricardo Soulé** decide abandonar o grupo para realizar trabalhos solo, sendo substituído por **Carlos Michelini** (guitarra e voz), durante a gravação do próximo álbum - **Estamos en la Pecera** (75) (CBS). Já em 1976, o **Vox Dei** volta a modificar sua base após a saída de **Michelini**. A banda volta a ser quarteto depois de quatro anos com a entrada de **Raúl Fernández** (guitarra líder) e **Enrique "Avellaneda" Díaz** (ambos **ex-la Máquina**) (guitarra e voz). Gravam com esta formação o album **Ciegos de Siglos** (76) (CBS). Tendo em vista que tanto os trabalhos solo de **Ricardo Soulé** e os de **Vox Dei** sem ele não estavam sendo bem aceitos pela crítica e pelo publico, todos voltam a se reunir como trio para gravar o álbum **Gata de Noche** (78) (Polydor 2387,160). Este álbum foi considerado pela crítica especializada como um dos melhores trabalhos de rock e blues dos finais dos anos setenta.

Um mini super-grupo do início dos anos 70, que além de surpreeder pela sonoridade,contava ainda com uma guitarrista gatíssima

Como uma banda tão boa como o Ramatam ainda é completamente desconhecida do grande público? Foram apenas dois discos e uma carreira que durou cerca de um ano e meio.

Essa super banda era formada por Mitch Mitchell na bateria (o Ramatam foi seu primeiro grupo após sua fase com Hendrix), April Lawton nas guitarras, que era completamente desconhecida até então, o já "calejado"Mike Pinera também nas guitarras, que vinha do Blues Image e também já tinha feito fama no Iron Butterfly. No baixo Russ Smith, que também era desconhecido e Tommy Sullivam nos teclados, que vinha de uma banda de "Sunshine Pop" chamada Brooklyn Bridge.

A homônima estréia do grupo, saiu em 1972, e trazia ótimas faixas que misturavam Hard Rock, Psicodelia, Jazz, Pop e até Funk. A abertura com "Whiskey Place" já mostrava o excelente trabalho de guitarras de Pinera e principalmente de Lawton, que fazia a maioria dos solos. "Heart Song" vem a seguir, com uma sonoridade bem ao estilo do Traffic, e improvisações no mais puro estilo "Costa Oeste" do Gratefull Dead e Jefferson Airplane. Os vocais por sua vez lembram o Vanilla Fudge. É sempre bom lembrar que o Ramatan tinha bastante personalidade, essas "semelhanças" com tais bandas servem apenas para situar o leitor quanto ao tipo de som que o grupo fazia. Ainda no Lado A, temos "Ask Brother Ask", bem pesada e puxada para a Black Music, com vocais vigorosos e ainda um esperto naipe de metais temperando tudo. "What I Dream I Am" poderia muito bem ter se tornado um grande hit. Baladaça certeira, com um clima todo especial, cortesia da bagagem Pop do tecladista Tommy Sullivam, que é o autor da canção junto de Lawton. Encerrando o lado vem "Wayso" que é Allman Brothers puro.

O melhor está sabiamente escondido no Lado B, que começa com "Changing Days" que também tem cara de hit, além de guitarras viajantes e um elaborado arranjo vocal no melhor estilo do Wishbone Ash. "Strange Place" é a melhor faixa do álbum. Começa bem lenta com flautas e uma levada Psicodélica, no melhor estilo the Doors (preste atenção no vocal). Depois entra um riff matador tocado num "Talk Box" de guitarra que é algo alucinante. Cozinha "groovena" e uma grande atuação de Mitch Mitchell na bateria. "Wild Like Wine" foi composta pelo baixista Russ Smith e era bem Pop, tanto que foi o único single do disco (com "Changing Days" no lado B). O disco encerra com "Can't Sit Still" e dá-lhe metais e guitarras

A bolacha foi gravada no famoso estúdio Criteria, em Miami, e o produtor foi o mestre Tom Dowd (Clapton, Allman Brothers, Lynyrd Skynyrd e muitos outros)

Como, comercialmente falando, a estréia não deu em nada, Pinera, Mitchell e Smith resolvem deixar a banda. April Lawton e Tommy Sullivam convocam Jimmy Walker para a bateria e gravam o segundo disco do Ramatam como um trio. "In April Came the Dawning of the Red Suns" também tinha seus bons momentos, com April detonando como no primeiro disco

Com o fim do grupo em 1973, April Lawton largou em definitivo a música, e se tornou uma pintora. Sullivam e Smith também sumiram da cena musical, ao contrário de Pinera e Mitchel, que se mantém na ativa até os dias de hoje. Pinera chegou a tocar no New Cactus Band e com Alice Cooper no início dos anos 80, além de gravar também como artista solo. Mitchell continuou sempre também com projetos relativos a música.

Ramatan - Lançamento: 1972 - Atlantic Records
Produçao: Tom Dowd
Engenheiro de Som: Ronnie e Howie Albert/Carl Richardson, Chuck Kirkpatrick e Seth Snider
Estúdio: Criteria Studios, Miami, Florida USA (1972)
Formação: April Lawton (guitarra solo)
Mitch Mitchell (bateria)
Mike Pinera (guitarra, voz)
Russ Smith (baixo, voz)
Tommy Sullivan (teclados, voz)

Faixas:
Lado A: Whiskey Place / Heart Song / Ask Brother Ask / What I Dream I Am / Wayso
Lado B: Changing Days / Strange Place / Wild Like Wine / Can't Sit Still

Notas:
Apesar da banda contar com um time de peso, o LP não figurou em nenhuma parada de sucesso
A banda chegou a aparecer na capa de grandes publicações da época, como a Rolling Stone e a Melody Maker.
Mitch formou o Ramatan quando conheceu April Lawton em Nova Iorque. O baterista estava na cidade dando os últimos toques em dois discos póstumos de hendrix: "Cry Of Love" e "Rainbow Bridge".
O Ramatan foi a banda de abertura do Emerson Lake & Palmer na tour de 1972. E também abriu shows para o Eagles.
Nos shows a guitarrista April Lawton roubava o espetáculo. Sua performance era arrebatadora e a moça conquistou o respeito de grandes críticos musicais da época, como Lester Bangs da Rolling Stone. Até hoje, alguns especialistas consideram April a melhor guitarrista do mundo.

Situação: Lançado em vinil no Brasil em 1972. Nunca foi editado em CD em nenhum país.

FINALMENTE SAIU !

Quatro clássicos de Neil Young que ainda estavam inéditos em CD !

Todo mundo já ouviu aquele manjado ditado, "Quem espera sempre alcança" Pois é, ele caiu bem nessa ocasião, pois quem se recusava a pagar uma boa grana nas edições em vinil (principalmente no On The Beach), pode festejar! Depois de anos de muito bate-boca, a Warner coloca no mercado (lá fora, é lógico) quatro discos remasterizados do mestre Neil Young, que estão vendo a luz do dia pela primeira vez em formato digital. E o melhor – uma tiragem inicial e limitadíssima virá em formato mini-vinil, com uma arte que reproduz a bolacha da época!

Já são históricas as inúmeras tretas de Neil Young com a Warner. Desde que lançaram o disco "Everybody Knows This is Nowhere" em CD, Young vem vetando o lançamento de algumas de suas obras. Para a alegria geral, o maior astro da música canadense aprovou esses 4 relançamentos.

O melhor do pacote é sem dúvida o clássico "On The Beach" de 1974, que é seguramente também um dos melhores álbuns da extensa carreira do músico. O jeito que o disco foi concebido, e principalmente o período dessa difícil concepção - foi especial na trajetória de Young. Ele vivia uma fase pra lá de deprê. Duas mortes por overdose o atormentavam (do seu guitarrista e de um de seus roadies), isso sem contar o fato que Young gravou "On The Beach" pois sua gravadora (Reprise) recusou o disco que ele tinha feito (Tonight's the Night").

"On The Beach" ao mesmo tempo surge confessional, depressivo e triunfante. A faixa de abertura "Walk On" pode ser considerada uma resposta para "Sweet Home Alabama" do Lynyrd Skynyrd, onde Young entra cantando "I hear some people been talkin' me down/ Bring up my name, pass it 'round ". Dolorosas baladas embebidas em gaitas meio dopadas, aparecem aos montes: "See the Sky About The Rain", "Motion Pictures (for Carrie)" e a faixa título com seu clima viajante. O disco ainda é deliciosamente mal produzido, e Young deu um proposital senso "desleixado" a mixagem. O álbum traz também convidados especiais como Levon Helm e Rick Danko (the Band), David Crosby e Graham Nash. Outra curiosidade são 3 faixas com o nome "blues": "Revolution Blues", "Vampire Blues" e "Ambulance Blues".

Já em "American Stars N' Bars" de 1977, o papo é diferente O LP era divido em duas distintas partes – uma (o Lado A), foi gravada em abril daquele ano e era bem country com Young cantando com Linda Ronstadt e Nicolette Larson, enquanto que o Crazy Horse cuidava da parte instrumental, como pode ser conferido em "Saddle Up the Palomino" e "Hey Babe". A outra metade do disco trazia algumas sobras de Jams datadas dos anos de 74, 75 e 76. "Star of Bethlehem" mantinha o pique country tradicional, dessa vez trazendo Emmylou Harris nos vocais "Will To Love" era angústia transformada em canção, tão pessoal que Young a gravou sozinho, os instrumentos e vocais. O que vêm a seguir é a clássica "Like A Hurricane", trazendo um inspiradíssimo Young e seus comparsas do Crazy Horse. Hit certeiro, a canção até hoje é um dos pontos altos nos shows do guitarrista, e mostra bem o estilo peculiar de Young tocar sua Gibson Les Paul.

"Hawks & Doves" saiu no mesmo ano do multi-platinado duplo ao vivo "Live Rust", ou seja, saiu bem numa época em que Neil Young tinha um dos shows mais concorridos da América. O disco tenta seguir a linha do também bem sucedido comercialmente "Comes A Time", de 1978, com a maioria das faixas em formato acústico. Infelizmente, "Hawks" não conseguiu manter o pique, mas está longe de ser um disco fraco. Ele tem seus bons momentos como "Little Wing", "The Old Homestead" (ambas sobras de sessões dos idos de 1974), e a folk "Captain Kennedy".

Como a coisa estava ficando um pouco crítica para Young no começo dos anos 80, ele resolve mudar de direção, apostando mais no Rock básico e conciso. O primeiro passo dessa nova empreitada, foi convocar novamente o Crazy Horse para gravar um disco inteiro. O resultado foi "Re.ac.tor", de 1981, que não decolou. Músicas como "Rapid Transit", flertavam com a New Wave, o que com certeza não agradou os fãs. Apesar do esforço dos rapazes, esse era um álbum pouco inspirado, talvez por culpa do contrato de Young, que exigia um disco por ano. O próprio acabou declarando anos mais tarde, que na época da gravação de "Re.ac.tor", andava muito envolvido com seu filho que era deficiente mental e requeria de cuidados especiais Portanto, o disco acabou ficando meio que em segundo plano.

Tomara que tanto Mr. Young como a Warner, se empolguem e também coloquem no mercado os ainda inéditos em formato digital, "Time Fades Away" e "Journey Trough The Past", de 1973 e 1972 respectivamente

Blackbird Music Shop
www.blackbird.com.br
CDs, DVDs e Livros
Rock anos 60 e 70
Beatles - MPB
Telefax: 3141-9690
Av Paulista, 1499 - loja 52
Galeria Trianon - Piso Casa Branca
São Paulo - SP

Barraca do Diaz
LP's
Raridades do mundo da música
Rock anos 60 e 70 - Bossa Nova
Soul Music - MPB - Jazz Rock etc.
Compra - Venda - Troca
Todos os sábados
das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto
(rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro)
São Paulo - SP

VENTANIA
www.ventania.com.br
LP's - CD's - DVD's
Livros e Revistas
COMPRA e VENDA
Rua 24 de Maio, 188 - 1º sobreloja
Conjuntos 113/115/117 - São Paulo - SP
Fone: (11) 222-6273 - Fax. (11) 223-6734

How the West Was Won (CD triplo)
Led Zeppelin (DVD duplo)

De tempos em tempos, um furioso e barulhento furacão assola o planeta Terra. O curioso é que esse furacão parecia ter perdido sua tão característica intensidade no dia 25 de setembro de 1980, com a morte do maior baterista desse, e de outros mundos. Passados quase 23 anos, esse furacão volta a "atormentar" o nosso planeta, em forma de DVD duplo e CD triplo.

Sempre que se divulga na imprensa que Jimmy Page está "tramando" um novo lançamento envolvendo o nome Led Zeppelin, o mundo simplesmente entra em combustão. Foi assim com o álbum póstumo de sobras "Coda" em 1982, depois com a caixa de 4 CD's (batizada simplesmente de Led Zeppelin) em 1990, com outra caixa "The Complete Studio Recordings" de 10 CD's em 1993 e também com o "BBC Sessions" em 1997. Agora em 2003 não poderia ser diferente. O CD e o DVD já venderam os tubos no mundo inteiro. Ambos foram direto para o topo das paradas norte-americanas e européias. Isso sem falar que nos EUA, uma versão editada do DVD (com duas horas de duração), está sendo exibida nos cinemas, e causando furor em platéias de todas as idades. Assim como aconteceu em 1976 com o "The Song Remains the Same", o pessoal "agita" na sala de cinema como se estivesse no show, e quando acaba o filme, permanece no mesmo local para assistir novamente

Para nós, brasileiros durangos, a boa notícia é que ambos (tanto o DVD como o CD) já saíram por aqui, em edições praticamente idênticas as importadas

O DVD duplo vem numa luxuosa embalagem de papelão, acompanhado de um encarte com fotos e tal. Já os "Menus" de opções, foram uma genial sacada de Page, pois eles trazem cenas raras e inéditas da banda ou em shows, ou em cenas de bastidores, o que é um deleite para qualquer apreciador do grupo. Page também fez um excelente trabalho de restauração, e é bom lembrar que Robert Plant e John Paul Jones também acompanharam o projeto

A primeira e talvez a melhor surpresa do DVD é o show do Royal Albert Hall, realizado em 09 de janeiro de 1970, ou seja, pouco mais de dois meses do lançamento de "Led Zeppelin II". Aqui ele aparece

A seguir, temos o clip promocional para a clássica "Communication Breakdown" de 1969. A banda está "dublando" a versão original da música, e o bacana é a bateria de John Bonham (raridade "assistir" ele tocando com dois bumbos) e o visual dos integrantes, bem no jeito que eles apareciam na contracapa de seu primeiro elepê

Outra genial preciosidade é a próxima meia hora do DVD que mostra uma apresentação em preto e branco da banda numa rádio/TV dinamarquesa também em 1969. São quatro faixas do primeiro disco, tocadas em versões imprescindíveis.

Quase dez horas de material inédito lançados numa tacada só!

numa versão de 102 minutos, e pena que ficaram de fora canções que apareciam na versão pirata em VHS que rolava por aí alguns anos atrás, como "Thank You", e outras partes do Medley que a banda sempre fazia no final de seus concertos nesse início de carreira, como "Long Tall Sally / Move On Down the Line / Whole Lotta Shakin' Going On".

Não precisa nem dizer que a performance da banda é avassaladora, abrindo com "We're Gonna Groove" que já tinha saído no disco "Coda", assim como a faixa seguinte – "I Can't Quit You Baby". Page demonstra maestria em coisas como "Dazed And Confused" (com mais de 15 minutos de duração) e "White Summer". Impressionante também é a versão de "Moby Dick" com solo desesperador de John Bonham. Quando Plant anuncia "John Henry Bonham - Moby Dick" cuidado para não fazer cocô mole, pois o que vem a seguir é broca meu chapa! Se você já se impressionava com o solo de Bonham no filme "The Song Remains the Same", esse aqui simplesmente irá deixá-lo fora de si. Com seu kit básico (caixa, bumbo, um tom e dois surdos) e mais dois atabaques e seu tradicional gongo, "Bonzo" arregaça "moendo" completamente a bateria. Quando ele faz aquele tradicional "cruzamento dos braços", parece que a velocidade fica acelerada, como nos antigos filmes mudos, tamanha a rapidez de seus movimentos. Outros destaques são o perfeito timbre da voz de Plant e o grande tesão por estar tocando mostrado pelo tímido, mas sempre brilhante John Paul Jones. A banda estava no auge, e isso fica bem claro nessa apresentação.

A seguir vem a única faixa (Dazed and Confused) que o Led apresentou no filme "SuperShow" de 1969. Esse filme foi uma grande sensação na época e trazia além do Led, participações de Eric Clapton, Jack Bruce, Buddy Miles, Stephen Stills, Buddy Guy e outros. Destaque para o visual de Page, todo de couro e com sua Telecaster psicodélica.

Para encerrar o disco 01, uma apresentação da banda num programa da televisão francesa também 1969, onde eles tocam ao vivo "Communication Breakdown" e "Dazed and Confused".

Continuando a Maratona (um total de 5 horas e 20 minutos), o disco 02 abre com "Immigrant Song" de 1972. Aqui Page fez uma montagem com várias cenas da banda tocando num local aberto e em plena luz do Sol, com o áudio também gravado ao vivo.

As sobras e out-takes do filme "the Song Remains the Same", gravadas no Madison Square Garden de 1973, também surpreendem. Depois de assistir somente apresentações de 1969 e 1970 no DVD 01, essa apresentação de 1973 (apenas três anos) choca logo de cara os fãs da banda. O Led agora estava mais acomodado e acostumado com o sucesso. Lotar por dias seguidos o gigantesco Madison Square Garden em Nova Iorque era rotina para a banda. Nossos amigos já eram milionários, possuíam castelos, mansões e carros luxuosos. Apesar de musicalmente ainda "quase" perfeitos, Plant se apresenta de uma forma mais "afetada", com vocais mais agudos e não tão roucos como antigamente. Bonham com vários quilinhos acima do peso, John Paul Jones sem o mesmo tesão daquele

show no Royal Albert Hall, e Page era o que menos tinha mudado nesses três anos. "Misty Mountain Hop" e "The Ocean" são as inéditas do show de Nova Iorque.

Depois temos 6 faixas gravadas no Earls Court de Londres em 1975. Para se ter uma idéia do tamanho desse local, é o mesmo lugar onde o Pink Floyd gravou seu "Pulse". Outro ponto alto do DVD é o set acústico que o Led apresentava em sua tour de 75. São 3 faixas (Going To California/That's the Way e Bron Y Aur Stomp), com Page, Plant e Jones sentados num pique bem "banquinho e violão". Destaque para Jones, que além de tocar magistralmente o bandolin, ainda faz o baixo com os pés nos pedais. Ainda desse show – "In My Time of Dying" numa versão matadora, com Page debulhando em seus slides com sua guitarra Danelectro, e Jones mostrando muita propriedade com um contra-baixo sem trastes. Uma longa e vigorosa versão de "Trampled Underfoot", com globos e luzes "Disco" também marca presença, e o hino "Stairway To Heaven" (Page não seria louco de deixá-la de fora desse lançamento), com Robert Plant cantando num tom abaixo ao da versão original (talvez seja esse o motivo dele "odiar" a canção todos esses anos).

O que vem a seguir, pode ser considerado o último grande concerto dado pelo Led Zeppelin na Inglaterra – as duas apresentações em Knebworth, em agosto de 1979. Como o show aconteceu um pouco antes do disco "In Through The Out Door" ir para as lojas, apenas "In The Evening" aparece por aqui (apesar deles também terem tocado "Hot Dog"). O Show original tinha 160 minutos de duração (como na versão pirata em VHS), e no DVD aparecem apenas 50 minutos. Apesar da "palhinha", dá para perceber que os caras ainda tinham muita munição para queimar, e "Achilles Last Stand", "Kashmir" e "Nobody's Fault But Mine" aparecem em versões energéticas e muito bem executadas.

Encerrando o disco dois, mais alguns extras como uma versão de 1972 para "Rock N' Roll" extraída de um show a céu aberto na Austrália (desse mesmo show faltou "Let's Have A Party" também exibida no programa original da época). Além de uma série de entrevistas e coletivas para a imprensa, dadas pela banda nos anos 70. O DVD encerra com mais dois clips promocionais: "Over the Hills and Far Away" e "Travelling Riverside Blues", ambos montagens de Page.

O CD triplo traz faixas extraídas de duas apresentações da banda realizadas na Califórnia, em junho de 1972 – uma na famosa Long Beach Arena no dia 27, e outra no LA Fórum no dia 25.

Logo na abertura com "Imigrant Song", já dá para perceber macetadas de estúdio do astuto Jimmy Page. Os vocais de Robert Plant aparecem redondinhos demais! Não que a banda tenha refeito partes em estúdio, longe disso, Page apenas emendou trechos de outros shows, onde a atuação de determinado membro foi mais precisa.

Exemplo maior disso é a faixa "Stairway To Heaven", onde ouvimos John Paul Jones tocando um mellotron. Na época, em shows ao vivo, Jones usava apenas o órgão (como está no CD BBC Sessions), e o mellotron passou a ser usado ao vivo só no fim daquele mesmo ano (1972). Maravilha é a versão "não-mexida" de "Since I've Been Loving You", emocionante e executada num clima bem á flor da pele. O Disco dois vem com apenas 4 músicas, com uma versão de "Dazed and Confused" de quase 26 minutos de duração! E o disco 03 abre com uma versão matadora de "Wholle Lotta Love" com 23 minutos de muito improviso – uma celebração ao Rock dos anos 50, com intervenções de "Let's Have a Party", "Hello Marylou", "Going Down Slow" e "Boogie Chillium".

Balanço Final:

Em se tratando de um alto investimento (média de R$130) para nós, simples apreciadores da boa música, a aquisição tanto do DVD como do CD é uma boa, pois o material apresentado é de ótima qualidade visual e sonora.

O DVD me chamou mais a atenção, apesar de eu confessar que já tinha quase tudo em versões VHS piratas, mas de péssima qualidade, portanto é um sonho que se torna realidade, assistir com alta definição de som e imagem aquilo que parecia irrecuperável. O CD, por sua vez, traz momentos incríveis também, mas se eu tivesse que optar por um formato, optaria pelo DVD.

Ao contrário do que eu fiz, sugiro a "degustação" do DVD em doses homeopáticas. Até o fã mais Xiita do Led "pena" para assistir 4 versões de "Dazed and Confused" (sempre com mais de 7 minutos cada) no disco 01, mais 4 versões de "Communication Breakdown" ainda no mesmo disco.

Agora a cutucada: onde será que foram parar as tradicionais "bolas na trave" que Jimmy Page sempre deu ao vivo? E as escorregadas vocais de Robert Plant? Bom, acho melhor você tirar suas próprias conclusões ao ouvir/assistir esses lançamentos. Agora que Mr. Page está saltando de felicidade por ter vivenciado todas as novas tecnologias que um estúdio pode oferecer, ah isso ele está!

"Um veículo fora do comum"

BARATOS AFINS DISCOS

Pioneira dos Independentes
25 anos de descompromisso com o sucesso!

Fone: (11) 223-3629 - Fax: (11) 3361-3459

home page: http://www.baratosafins.com.br
e-mail: baratosafins@baratosafins.com.br

Av. São João, 439 - 2º andar - Lojas 316/318 - CEP: 01035-000 - São Paulo - SP
Entrada também pela Rua 24 de Maio, 62

DIE HARD
rock'n'roll cd's

Av. São João, 439 - 2o andar- Lj. 312 - S.Paulo/SP - CEP: 01035-000
Fone/Fax: (11)3331-3978 - diehard@diehard.com.br

ATENDIMENTO DIFERENCIADO, AMPLO CATÁLOGO ATUALIZADO, JUSTIÇA NOS PREÇOS E NOS VALORES DOS FRETES, SEGURANÇA E GARANTIA. TEMOS TODOS OS LANÇAMENTOS. DESTAQUE PARA O METAL E SUAS DIVERSAS ORIGENS E TENDÊNCIAS, INCLUSIVE 70's. APENAS PRODUTOS ORIGINAIS. PRODUÇÃO CULTURAL PRÓPRIA.

COMPRE À DISTÂNCIA POR TELEFONE OU E-MAIL

ATENDEMOS TODO O BRASIL!

VOCÊ VAI GOSTAR DO ATENDIMENTO, DOS PREÇOS, DOS FRETES E DOS PRAZOS!

FRETES COM PREÇOS ESPECIAIS REDUZIDOS, DEPENDENDO DA SUA REGIÃO. PREÇOS IMBATÍVEIS, CONSULTE-NOS!

CATÁLOGO DA LOJA: TODAS AS GRAVADORAS NACIONAIS ESPECIALIZADAS E AMPLA QUANTIDADE DE IMPORTADOS

Lista de espera de lançamentos ou encomendas. Chegando o produto avisamos e/ou reservamos imediatamente. Entre em contato. (para produtos em catálogo)

Você, freqüentador de Galeria do Rock, compare-nos com a concorrência.

EM TODA COMPRA GRÁTIS PROTETOR DE CD EXCLUSIVO E ÚTIL

VISITE: www.diehard.com.br

VENDA PERSONALIZADA, ÁGIL E EFICIENTE POR E-MAIL. E MAIS: LANÇAMENTOS, CATÁLOGO, SHOWS, VÁRIOS WEB ZINES, CLASSIFICADOS, LITERATURA, ARTE, ETC.

DIE HARD

SEBO JOVEM GUARDA
A VANGUARDA EM SEBO

COMPRA - VENDA - TROCA
Pagamos à vista

LP's Rock - Jazz - Clássicos
Jovem Guarda - Bossa Nova
Sertanejo e Raridades

sjguarda@bol.com.br

Atendimento a domicílio
Rua da Moóca, 3401
Rua Pires de Campos, 20
São Paulo - SP
Fones: 6604-6729 / 6601-3496

Música que vem do Brasil

Dessa vez abrimos espaço para 4 bandas que mantém erguida a bandeira do Rock N' Roll em nosso país.O melhor de tudo, é que são trabalhos independentes,que assim como a Poeira Zine, criados com muita raça e paixão pela música.

Patrulha do Espaço

.Compacto - Independente

Qual será o segredo do bom gosto? Por que será que tantos buscam, mas só alguns conseguem colocá-lo em prática? Bom, a Patrulha do Espaço com certeza possui essa genial receita de se executar o bom gosto, e exemplos não faltam nesse novo CD da banda. A surpresa já começa pela "embalagem", uma autêntica réplica daqueles maravilhosos compactos dos anos 60 e 70. Os timbres são um oásis sonoro em pleno ano de 2003, mostrando que a galera estudou muito a sonoridade setentista. Outro ponto favorável é a curta duração do CD (27 minutos), o que com certeza acaba fazendo com que o ouvinte ouça o disco repetidamente, "assimilando" de forma muito mais prazerosa todas as faixas.

Para sentir o drama, o disco abre com "São Paulo City", uma espécie de "Mississipi Queen" moderna, com riffs mastodônticos e bateria avassaladora, cortesia do "mestre" Rolando Castello Júnior. Em "Sendas Astrais" a bateria parece que "dita" a melodia da música, e de quebra, a faixa ainda traz um órgão Hammond e um Moog, criando um clima todo especial. "Nem Tudo é Razão" tem como destaque a grande atuação vocal de Rodrigo Hid. "Terra de Minerais" (a minha preferida) mescla distintas influências, que vão de Yes até Allman Brothers, com o mérito de ainda soar "Patrulha" pra caramba! Também são muito dignas de nota, as atuações de Luiz Domingues no baixo/vocal, e de Marcello Schevano na guitarra, teclados e também vocal.

Mesclando essas maravilhosas influências e ainda por cima demonstrando muita personalidade, a Patrulha lança um de seus melhores trabalhos.

Contatos: patrulharock@uol.com.br
Site Oficial: www.patrulharock.kit.net

Baranga

Baranga - Independente

Rock N' Roll na veia meu chapa! O novo disco da Baranga é 100% Rock puro, básico, cru, autêntico e honesto. A banda é formada por Paulão Thomaz (ex- Centúrias, Firebox, Cheap Tequila) na batera, Xande nos vocais e guitarra, Soneca no baixo e Deca nas guitarras. "Tudo Que eu Tenho na Vida" já empolga logo de cara, com uma irresistível levada AC/DC, e uma pérola do cancioneiro roqueiro é a frase "Rock n' Roll é alma, cerveja e gasolina". "Maverick" é um tributo ao melhor carro do mundo, "Mulher de Pagodeiro" tem uma genial levada e a letra é um caso a parte – "Ah mulher, sua vida anda mal / Saia com um roqueiro e faça um bacanal". Em "2 Rodas" a influência do Rock clássico de bandas como o AC/DC e o ZZ Top também pode ser sentida. Preste atenção no som do bumbo da batera do Paulão, verdadeira porrada nos tímpanos! Muito legal também é o refrão "Pra cama com a Baranga", da faixa que carrega o mesmo nome da banda. Outro lance bem bacana são os timbres de baixo (Rickenbacker azeitadão) e das guitarras (no melhor estilo Gibson SG). Parabéns ao Baranga e também ao Paulão por anos de serviço prestado ao Rock N' Roll brasileiro, e a incessável garra e vontade com que o cara sempre tocou nesses 20 anos.

Site Oficial: www.barangarock.com.br
Site Oficial Paulão Batera: www.paulaobatera.com.br
Contatos: barangarock@hotmail.com
Caixa Postal: 19168 CEP: 04505-970 São Paulo - SP

Marcelo Watanabe

Nave Louca - Independente

Apesar de ter sido lançado no ano passado, esse primeiro registro do guitarrista Marcelo Watanabe continua dando o que falar. Nave Louca, acima de tudo é um disco muito agradável de se ouvir. O cara, apesar de tocar muito, não é daqueles guitarristas pentelhos que ficam "masturbando" o instrumento - prefere apostar na simplicidade e eficiência de suas composições. Além da guitarra, Marcelo cuida também dos vocais, baixo, violões e até percussão. Logo na abertura com "Destemido (Nave Louca)" fica claro a veia Rock do músico, sem, contudo, abrir mão de um belo refrão Pop. A envolvente "Jornal", traz bacanas frases de guitarra embebidas em Wah-Wah, além de ser um daqueles blues bem swingados, no melhor estilo dos mestres Freedie e Albert King. "Noite em Paraty" é uma balada com influências psicodélicas (repare no refrão), "Precipício" contém a genial frase "Nitroglicerina pura, Adrenalina não faz mal" e muitos solos cuidadosamente timbrados. "Dutra" é uma instrumental perfeita para se ouvir na estrada. Assim como nossa perigosa rodovia, a canção alterna climas pesados e "tensos" com passagens suaves e delicadas. Na parte pesada, parece aquelas horas em que um imenso caminhão vem te fechando na estrada. Além disso, o disco ainda traz o hit "Marola" - obrigatória em qualquer show do guitarrista. O músico viaja o Brasil inteiro promovendo seu trabalho, e é bem capaz de você esbarrar com ele por aí.

Contatos: m.e.watanabe@bol.com.br
Shows : (11) 3815-5439
Site Oficial: marcelowatanabe.com

Tomada

Tudo Em Nome do Rock N' Roll - Independente

Essa banda tem tudo para ser a maior revelação do Rock Brazuca desse ano. Simplesmente pelo fato de "Tudo em nome do Rock N' Roll" ser simplesmente genial. Esse quarteto de São Paulo, além de se sair muito bem no rock setentista, ainda tem a manha de criar alguns grooves com levadas espertas e até Blues doloroso. Todos os integrantes demostram uma atuação acima da média. "Notícias de Ontem" abre muito bem o disco, alto astral e riferama certeira logo de cara. "Na Estrada" carrega forte na percussão e nos graves do baixista Pepe - anos 70 total. "Soul Mais" é funkeira da boa, com wah wahs nervosos e tudo mais. Os rapazes também se dão bem no Blues como em "Blues Lento em C" (conexão com o Ten Yers After), onde a voz é um show a parte. A faixa título é um instrumental de curta duração muito bacana, mesclando influências dos anos 60, como a psicodelia e uma pitadinha de Surf Music. Destaque total para o genial trabalho de guitarras. "Humble Pie" é uma justa homenagem a uma das maiores influências dos garotos, com uma galera gritando a plenos pulmões: "Humble Humble Humble, Humble Pie", matador. Talvez a melhor faixa seja "Shine", que já virou hit. Difícil é esquecer o refrão depois de uma única audição. Imaginem um crusamento do Gov't Mule com o Black Crowes, pois é, isso resulta em "Shine".

Contatos: tomadarock@hotmail.com
Shows: (11) 276-5926 com Pepe

A BARATA
LIBERDADE DE EXPRESSÃO E EXPRESSÃO DE LIBERDADE
rock é atitude!
Confira a coluna da poeira Zine em www.abarata.com.br/coisas/poeira

O mais completo site de Rock!
http://whiplash.net
ATUALIZADO DIARIAMENTE
Confira a coluna da poeira Zine na Whiplash

Música que vem do Brasil - César Camargo Mariano por Rodrigo Piza

César Camargo Mariano sabia tudo desde cedo, com 17 anos fundou o Sambalanço Trio com o baixista Humberto Clayber e o baterista Airto Moreira. Entre 1964 e 1965, gravaram três discos essenciais pra quem gosta de samba jazz ou simplesmente jazz, vigor e frescor de três moleques destruidores (o tempo provou que os caras não eram brincadeira...) atacando sem dó o mais puro be bop brazuca. O repertório dos três lp's é típico dos trios da época, clássicos da bossa e uns 20% de composições próprias, o que vale, assim como em boa parte do jazz americano dos anos 50 e 60, é a interpretação de cada trio, e a deles era sempre perfeita.

Durante esse período acompanharam o dançarino/cantor/showman americano radicado no Brasil Lennie Dale, com ele gravaram o incrível Lennie Dale e o Sambalanço Trio pela gravadora Elenco com bossas e standarts americanos, a versão de 'the lady is a tramp' é inigualável.

Já considerado então um compositor e principalmente um arranjador e instrumentista de altíssimo nível, César grava seu primeiro lp solo, o 'Octeto de César Camargo Mariano', seu melhor disco até então, com uma sonoridade mais rica e variada, com metais e guitarra. Além dos companheiros do Sambalanço, participavam do disco Toninho e Sabá, esses respectivamente baterista e baixista do Jongo Trio, que acabaram formando com César, o Som Três.

O primeiro trabalho do grupo segue a linha tradicional dos trios, mas em seu segundo disco, de 1968, o Som Três começa a inovar trazendo pra música instrumental brasileira uma amplitude maior, mais universal, com influências diversas e sem preconceitos. Entre o primeiro e o segundo lp, o trio acompanhou Wilson Simonal (de quem César era diretor musical e arranjador), chegando a gravar um álbum duplo ao vivo em 1967(será que o primeiro duplo ao vivo do Brasil?). Talvez isso tenha ajudado o grupo a ampliar seus horizontes, porque ali eles tocavam de tudo, de marchinhas a black music.

Nesse segundo álbum, chamado 'Som Três Show', o grupo ataca de composições pop sofisticadas, samba rock, e soul, tudo com uma deliciosa pegada jazz funk. Essa variedade esteve presente nos próximos discos da banda, o 'Som Três' de 1969, 'Tobogã'(talvez o mais fraco) e 'Um é Pouco...'(com certeza o mais funk), ambos de 1970. Nessa época, César passa a se dedicar totalmente ao seu lado de músico e arranjador, ficando sem lançar trabalhos próprios, mas trabalhando com dezenas de artistas como Chico Buarque, Edu Lobo e Elis Regina - só com ela foram catorze discos - todos clássicos da mpb e celebrados no mundo inteiro até hoje.

César volta a lançar um disco solo em 1977, o clássico do fusion brasileiro 'São Paulo-Brasil', com músicas baseadas no dia a dia da cidade e suas diferentes nuances. As canções passeiam por jazz rocks pesados e climas mais suaves. Pela primeira vez em um disco próprio César cai de boca nos teclados eletrônicos, a vantagem é que os teclados dessa época eram Rhodes, Wurlitzers, Harps...ou seja a sonoridade é puro anos 70. Três anos depois e praticamente com a mesma banda, grava 'César Camargo Mariano e Cia', o clima das músicas é o mesmo, um pouco de fusion funkeado e um pouco de climas mais brasileiros à la Clube da Esquina, os timbres dos instrumentos já não são tão legais, começa a aparecer ali o embrião pop que acabaria degringolando pra uma coisa de mau gosto no meio dos anos 80.

O disco seguinte foi 'Samambaia', piano e violão, no violão Helio Delmiro, ótimo disco mas meio monótono.E finalmente 'A Todas as Amizades', com ótimos momentos pop que lembram muito o que Quincy Jones fez na mesma época.Inclusive a intenção de tornar o disco popular nos Estados Unidos era clara, além de ter sido gravado em Los Angeles, noventa por cento dos músicos são americanos, destaque para o clássico 'Blue Moon'(aquela da abertura do Goulart de Andrade nos anos 80).

César continuou trabalhando com meio mundo da mpb (Gal, Ney Matogrosso, João Bosco, Simone...) mas com trabalhos solo já não tão legais, o sintetizador tomou conta por um longo e tenebroso período, e ele até tocou London London com o Paulo Ricardo (que queimação...). Hoje mora nos Estados Unidos e parece que voltou definitivamente ao piano acústico.

Rodrigo Piza *é um especialista da música brasileira dos bons tempos. Além de pesquisador, Rodrigo também apresenta um programa no site www.clubedobalanco.com.br/radio O rapaz ainda arruma tempo para cuidar de sua loja, a Phono 70, que fica na Galeria do Rock, Av. São João 439, loja 273/ fone: 3362-1079*

DISCO 7 (VINIL)

Compra e Venda

O Melhor da Música Brasileira dos Anos 60 e 70

Fones: 3231-1193
9889-2860

Rua 7 de Abril, 176 - Sala 17 - 1º andar Centro - São Paulo

Songbooks/Métodos/Vídeo-Aulas/DVDs

www.freenote.com.br - freenote@freenote.com.br

Fone:(11) 3085-4690 - Fax: 3082-6186
Rua Teodoro Sampaio, 785 - Pinheiros
CEP:05405-050 - São Paulo - SP

free note

Cd's - Lp's - Vídeos - Compactos

Compra - Venda - Troca

Av. Amazonas, 885 - Lj 209
Belo Horizonte - MG - fone: (31) 3213-7993

GERA DISCOS

Rocks off Fone: (11) 3815-6736

CD's Nacionais e Importados - DVD's - Camisetas
Fitas VHS - ETC. e tal

Rua Fradique Coutinho, 632 - Pinheiros - SP

Restaurante Vegetariano

APFEL

www.apfel.com.br

Centro: Rua Dom José de Barros, 99
Esquina com a Barão de Itapetininga
Jardins: Rua Bela Cintra, 1343
Entre a Alameda Jaú e a Alameda Santos

DUNNO CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

(11) 3337- 0322

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP

www.dunno.kit.net

Jardim Elétrico CDs & LPs

www.jardimeletrico.hpg.com.br

Compra - Venda - Troca

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 284 - 1º andar - São Paulo - SP

www.frontlinerock.com.br

FRONTLINE Rock

CLASSICS

CLASSIC ROCK
HARD ROCK
HEAVY METAL

R. 24 de Maio, 62 - loja 329
SP/SP, CEP: 01041-000
Fone: (11) 3337-2822
Cx. Postal 62625
SP/SP CEP: 01214-970

Marcelo Watanabe
www.marcelowatanabe.com

22/08 Blackwood Pub
24/08 Bar do Amadeu
23/08 Fofinho
29/08 RockOnLine

CD Nave Louca já a venda - Contatos: (11) 3815-5439

PENNY LANE DISCOS
www.pennylane.com.br cd@pennylane.com.br

Psicodélico - Rock Progressivo
Folk - Rock - Blues - Jazz - Hard

Rua Corrêa Dutra, 99, Loja 5, Catete, Rio de Janeiro/RJ
Tels: (21) 2225-7348 e 2285-4833 Fax: (21) 2225-7347

OLD TIME BAR DO AMADEU
QUALITY
Vila Madalena
SOUR MASH
WHISKEY
100% Rock 'n' Roll

agosto
03/08 Trio de Trez
10/08 Dia da Feira da Vila Madalena com as bandas: Cracker Blues, The Jam e Trio de Trez
17/08 The Jam
24/08 Marcelo Watanabe Trio
31/08 Molho Inglês

setembro
07/09 Mágico de nOZ
14/09 Cracker Blues
21/09 Spitfire
28/09 Quarteto Hermeto

Todos os Domingos a partir das 19:00 hs
Rua Mourato Coelho, 1151 - Vila Madalena - São Paulo - SP - Tel: 3814-0671

HEAVY METAL ROCK
Há 19 anos apoiando o underground nacional
HEAVY METAL ROCK
Rua 30 de Julho, nº 244 - Centro - Americana - SP - CEP: 13465-500 - Fone/Fax: (0xx19) 3461-8664
E-Mail: hmrock@hmrock.com.br Website: www.hmrock.com.br

Seboland Compra e Venda
LP's e CD's Usados

Loja 01: Av. Inconfidência Mineira, 1390 - fone: 3455-5667
Loja 02: Av. Rio das Pedras, 180 - fone:6785-5566
Vila Carrão - São Paulo - SP

CONFEITARIA SÃO GABRIEL

Bolos - Doces - Salgados

Aceitamos encomendas para festas !

3885-8878
3887-9319
3887-4886

Av. São Gabriel, 416 - Jd. Paulista

DR. ROCK

dr.rock@ig.com.br

JOIA RARA DISCOS CD'S

joiararadisco@ig.com.br

JÓIA RARA
LP's e CD's

Rua 7 de Abril, 176 - Sala 12 - 1º andar
Fone: (11) 3151-5532 - Centro - São Paulo